



uff Universidade
Federal
Fluminense

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DAS ARTES – PPGCA-UFF

SOBREVIVÊNCIA DOS ORNITORRINCOS OU POR UMA ECOLOGIA DA
DESOBEDIÊNCIA.

Nathalia Christine da Silva
Orientação: Professor Dr. Luiz Guilherme Vergara

Niterói, 2020

Nathalia Christine da Silva

SOBREVIVÊNCIA DOS ORNITORRINCOS OU POR UMA ECOLOGIA DA
DESOBEDIÊNCIA.

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Estudos Contemporâneos das Artes da
Universidade, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de
Mestre em Estudos Contemporâneos
das Artes da Universidade Federal
Fluminense.

Banca Examinadora

Professor Dr. Luiz Guilherme de Barros Falcão Vergara – UFF (orientador)

Professora Dra. Andrea Copeliovitch – UFF

Professora Dra. Ruth Silva Torralba Ribeiro – UFRJ

Niterói, 2020

Dedico esse trabalho à memória de meu pai, Gaspar.

AGRADECIMENTOS

Abro esse momento agradecendo ao universo e todas as energias boas que circulam e circundam meu corpo. Saúdo e celebro toda fé e crença, piso no chão alheio devagar e para iniciar a gira, peço licença e agradeço á Deus, porque não posso e não quero negar minha educação cristã católica. Agradeço aos orixás e forças da natureza que me aproximam da minha ancestralidade e me conectam a todos que vieram antes de mim. Toda e cada palavra que puder dizer para saudar e reverenciar meus cabelos crespos e cor da pele será dita! Agradeço a luz na caminhada. Agradeço aos mais velhos e anjos da guarda. Gratidão. Amém. Asè.

Agradeço aos meus pais, Iracema e Gaspar por todo investimento emocional, por todos os não ditos quando eu queria ouvir sim, por acreditarem comigo em um mundo melhor e confiarem que nas minhas utopias; sou grata aos meus sobrinhos Ana Laura e Jonas, que nos últimos dois anos me dão forças para continuar, apesar de todo desmonte, acreditando e perseverando, grata por me mostrarem que o mundo pode ser velho e novo ao mesmo tempo.

Aos meus amigos mestres Ana Rosa Zito, Márcio de Oliveira, Marta Gabriela, Willian de Oliveira, Quiara Baptista. Aline Santos, Ana Maria Carvalho, Larissa Faria agradeço a parceria e os puxões de orelha, os conselhos e ouvidos. Agradeço também a todos os meus companheiros de caminhada artística por fazerem parte da minha formação como artista e como pessoa. Independentemente de onde estivermos no planeta, sou grata.

Agradeço à minha matilha ornitorrinco Ana Lígia, Bruna, Camila, Adrielle, Mayra, Francine e Mirela. Obrigada por me acolherem apesar de toda a maluquice, pelos abraços a cada retorno e por me ensinarem que amor resiste e insiste mesmo com as impossibilidades geográficas. Mayara, obrigada pela companhia nos últimos dias de escrita e pela parceria na produção do vídeo performance deste trabalho. Você é foda!

Aos meus amigos, companheiros e amados de antes e de sempre Rodolfo, Ana Karina, Vinícius, José e David agradeço por todas as cervejas nas férias de verão, feriados prolongados e vídeos chamadas alcólicas que me ajudaram a esquecer da dureza de estar só no Hell de Janeiro, obrigada por lerem meus

rascunhos e aguentarem minhas infinitas reclamações.

A minha família carioca-tradicional-brasileira Emanuelle Dias, Bruno Damião e Mário Netto. Agradeço pelo acolhimento, pelo colo, as macarronadas e angústias partilhadas.

À todos meus amigos, companheiros de profissão e missão Giulia Fiorani, Daniel Napoleão, Fernanda Rocha e Nathalia Menezes, Luana Bezerra, Bellas Silveira, Jefferson Nascimento. Gratidão por me acolherem, por me ensinarem tanto. Obrigada pelos ouvidos, olhos e ombros sempre abertos e atentos. Obrigada por não me deixarem desistir de mim e de tudo que construímos juntos para acreditar.

Agradeço também, aos meus colegas da turma de 2018, companheiros de caminhada Jefferson Medeiros, Bruna Félix, Marina Lima, Camila de Oliveira, Gaston Severina e Taianâ Tei. Avante companheiros, Sigamos movendo! Obrigada pelas cervejas, PDF's, lágrimas e incertezas compartilhadas.

Agradeço imensamente as minhas companheiras e camaradas de jornada Thais Peixoto, Isabela Peixoto, Laura Vainer e Jaqueline Tasma. Agradeço por aguentarem meu mau humor virginiano, minhas crises e por lerem o mundo comigo de uma perspectiva tão honesta. Obrigada por aceitarem o convite de escrever esse trabalho comigo. Agradeço por poder compartilhar essa história com vocês. As minhas companheiras de experimentação: Laura Viana e Mariana Cordeiro, gratidão imensa pela disponibilidade e partilha, que possamos nos encontrar para um abraço e um café. Sucesso e saúde para nós.

À professora Maria Ignez de Souza Calfa, minha mestra, mãeacadêmica, amiga, conselheira, guia espiritual. Agradeço e reverencio seu trabalho. Ignez, você mudou minha maneira de ver, ouvir e perceber o mundo, sou e serei sempre grata por cada palavra dita, por todas as imagens questão, por todo chão de pensamento por acreditar em mim e no meu trabalho, obrigada.

À professora Ruth Torralba, obrigada por toda generosidade ao ler meu trabalho, agradeço pela parceria na academia e na vida.

À professora Andrea Copeliovitch, obrigada por agitar minhas moléculas virginianas e por, tão generosamente, aceitar compor essa banca.

Ao professor Luiz Guilherme Vergara, mestre orientador sou grata, por ser tão generoso com minhas maluquices. Agradeço por ler meus manuscritos e sempre com muito afeto não desistir de mim, mesmo depois que eu bati todos os recordes de atrasos e não respostas. Obrigada por me ensinar a desobedece respirar. Obrigada pelas lições de sobrevivência

Agradeço a todos e a cada um que cruzou meu caminho nesses anos entre a ponte, os engarrafamentos e o pôr do sol na barca. Sou grata pelas oportunidades e encontros.

os fios soltos do experimental são energias q brotam
para um número aberto de possibilidades
Hélio Oiticica

RESUMO

Sobrevivência dos ornitorrincos ou por uma ecologia da desobediência é um ensaio sobre estratégias de sobrevivência e luta. Este trabalho discute, os desafios do ensino e produção de arte no âmbito das manifestações populares e principalmente as ocupações de Escolas Secundaristas em 2016 no Brasil, especificamente na cidade do Rio de Janeiro. O que move este exercício de escrita é investigar como os movimentos de ruptura e dissenso podem produzir um “devir arte”. Discutiremos ao longo dessa dissertação as aproximações entre arte, educação, política e modos de produção de vida.

A partir de argumentações teóricas, o presente trabalho pretende documentar o processo de experimentação, do que vamos de chamar de ativação de memória pelo corpo, de estudantes que construíram as ocupações secundaristas em 2016.

Palavras-chave: Corpo. Política. Cartografia. Ocupações.

ABSTRACT

Platypus survival or an ecology of disobedience is an essay on strategies of survivor and fight. This paper discusses the challenges of teaching and producing art within the scope of popular manifestations and especially the occupations of Secondary Schools in 2016 in Brazil, specifically in the city of Rio de Janeiro. What drives this writing exercise is to investigate how the movements of rupture and dissent can produce “becoming art”. Throughout this dissertation we will discuss the approximations between art, education, politics and ways of producing life.

Based on theoretical arguments, the present work intends to document the experimentation process, of what we will call the activation of memory by the body, of students that built the secondary occupations in 2016.

Lista de figuras

Figura 1 - Leandro Moraes. Maio de 2016	19
Figura 2 - Mapa divulgado na página do Facebook do "Escolas do RJ em Luta" em Abril de 2016	25
Figura 3 - Curvaturas no Espaço.....	46
Figura 4 - Olhar em 3x4.....	50
Figura 5 - AutoRetrato II.....	51
Figura 6 - Sobre_Posição II.....	52
Figura 7 - #OcupaAmaro - Registro: Núcleo de Pesquisa, Estudos e Encontros em Dança da UFRJ.....	55

Sumário

1. Introdução	12
2. Método.....	22
3. Fragmentos Cartográficos	27
3.1 Fragmento Cartográfico 1 – Educação	28
3.2 Fragmento Cartográfico 2 – Corpo e Movimento.....	32
3.3 Fragmento Cartográfico 3 – Levante	36
3.4 Fragmento Cartográfico 4 – Coreografia	41
3.5 Fragmento Cartográfico 5 – Sobre Ornitorrincos e seres da Floresta – Arquitetura e Desobediência.....	45
3.6 Fragmento Cartográfico 6 – Corporeidade e Fissuras	53
4. Cartas Espirais	57
5. Endereçamentos Pós-Mutação	75
6. Considerações Finais.....	86
Referências.....	89

1. Introdução

Isto não é um texto. É um exercício de pensamentodança-aproximação-afastamento. A sola dos pés tocando o chão, o chão tocando a sola dos pés. O silêncio tocando os ouvidos e os ouvidos presos ao silêncio interrompido por uma mosca que bate no vidro. Parece que as linhas de esforços se encontram todas muito bem alinhadas e organizadas. Nada está fora do lugar. Papéis na parede alertam para necessidade e exigência de silêncio. Permaneço ouvindo os sons perturbadores do silêncio e me perguntando o que é ocupar um espaço? Qual é a operatória? Quais os instrumentos cabíveis e necessários para ocupar lugares, para tornar parede mais carne, chão mais pele? Qual é o exercício político de transformação?

PARAGEM I¹ – Sobre o título: Respirar para desanuviar algumas questões ainda encobertas por palavras não escritas. tantas possibilidades de pesquisa e de métodos, um sem fim de palavras ditas em incontáveis línguas, retenho tudo, como tênis furado em dia de chuva. Sobrevivência dos Ornitorrincos é um trabalho exercitado no território da arte e atravessado por questões do campo da educação, da sociologia. Resolvi abrir todos os arquivos ao mesmo tempo, todas as caixinhas, para produzir um trabalho mamífero que bota ovos, têm bico de pato; tudo convivendo na mais perfeita desarmonia...um bicho difícil de definir, quase uma aberração acadêmica, por isso ornitorrinco. Uma série de escritos, relatos, rascunhos, rastros, reunidos para documentar os inacabamentos e devires. Desobediência como sobrevivência, em 2020, no Brasil, não morrer é desobedecer. Dito isto, sigamos viagem.

À medida que me aproximo dos objetos outras e novas perguntas vão se abrindo em infinitas outras e novas perguntas como um rio caudaloso com um sem fim de afluentes, mas antes que me afogue me seguro a algumas raízes,

¹ André Lepecki no ensaio Coreopolítica e Coreopolícia (2012) propõe outro modo de abordar o termo “coreografia”, sugere que dancemos com e por via do chão, com os buracos e acidentes do terreno. Me alimento das fissuras para nutrir meu texto e todas as vezes que meu corpo se esburacar nos acidentes do cotidiano eu proponho espaços de paragem, para que o buraco reorganize o texto e dancemos.

que aparecem correnteza abaixo, para respirar e me aproximar das questões que me fazem a continuar a nadar. Com a cabeça para fora do fluxo da correnteza, agora, me parece que a produção de agenciamento de memórias por via do corpo seja um bom ponto de ancoragem para depois, então, seguir.

Início a travessia partindo das questões que emergem das/ nas *Ocupações das Escolas Secundaristas* nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

No final de 2015 o Governo do Estado de São Paulo anunciou o fechamento de mais de 100 escolas e a transferência de milhares de estudantes para outras unidades de ensino. A proposta, chamada pelo governo Alckmin de “reorganização do ensino público”, almejava dividir as unidades escolares de acordo com ciclo de ensino: unidades que atenderiam apenas primeiros anos do ensino fundamental, unidades com turmas apenas dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio. A medida adotada pelo governo de Geraldo Alckmin (PSDB) estaria alicerçada na qualidade do ensino, visto que cada unidade escolar concentraria apenas uma faixa etária. A proposta anunciada sem qualquer consulta pública gerou intenso movimento de reivindicação da comunidade escolar, principalmente dos estudantes secundaristas.

Surge, em resposta imediata a medida impopular do governo o movimento “*Não fechem a minha Escola*”. Estudantes, afetados pela *reorganização*, ocuparam suas escolas, por tempo indeterminado até que o Governo Estadual declinasse da decisão. Com o uso das redes sociais, estudantes e professores criaram uma ampla rede de comunicação para a produção de pautas coletivas.

No primeiro semestre de 2016, Estudantes Secundaristas de vários estados brasileiros (Rio de Janeiro, São Paulo, Ceará, Goiás, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, entre outros) ocuparam centenas de escolas, contra a precarização, privatização e o sucateamento da educação pública. Surge então, apesar de toda repressão dos governos estaduais e a criminalização do movimento pela grande mídia, *A Primavera Secundarista* – uma alusão à Primavera Árabe², onda de protestos contra Governos autoritários no Oriente Médio que eclodiu em 2011 “Começou no norte da África, derrubando ditaduras na Tunísia, no Egito, na Líbia

² Nome dado à onda de protestos, revoltas e revoluções populares contra governos do mundo árabe que eclodiu em 2011.

e no lêmên” (CARNEIRO, 2011. p. 6)³.

No Rio de Janeiro, as Ocupações aconteceram em março (em apoio a greve docente e impulsionada pelos altos gastos dos governos estadual e municipal com a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e as Olimpíadas em 2016.) e outubro (Nesta ocasião, a questão central das ocupações foi o congelamento de investimento em educação) de 2016.

Traçado um breve panorama histórico das Ocupações Secundaristas, direciono o olhar e a escrita para algumas questões centrais das ocupações. O que pretendo aqui, em um primeiro momento, é cartografar as Ocupações estabelecendo um jogo de composição entre as falas de Estudantes que ocuparam suas escolas e minhas inquietações como artista-pesquisadora. Me interessa a aproximação com o exercício de experimentação de novas estratégias políticas que emergem nas Ocupações.

No momento em que escrevo estas linhas o calor é imenso na cidade sem vento ou esperança. A carne que envolve as vertebbras da coluna lombar está amolecida pelo calor, ao passo que a carne dos ombros é rígida como de vacas que morrem de susto. No momento em que escrevo estas linhas meu amor batuca suor e cerveja do outro lado do Rebouças enquanto aguarda o momento de nos conhecermos. Pessoas morrem, outras nascem. A polícia segue patrulhando e coreografando os corpos e desejos e as palavras de LEPECKI sutilmente fissuram as minhas.

[...]Então, para lá do clichê, vemos que, no caminho da política em ação, no meio do movimento que ousa a coragem de agir e ironicamente partilhando a mesma raiz etimológica, no meio da *pólis* e da *política* está aquele ser oscilando entre a lei e a ação, entre a violência que preserva e a violência que violenta, entre o imóvel que bloqueia e o altamente móvel que guerreia. Ou seja, a *polícia*. Vamos considerar aqui “polícia” um ator social na coreopolítica do urbano atual, uma figura sem a qual não é de todo possível pensar-se a governamentabilidade moderna. Uma figura também cheia de movimento, particularmente o ambíguo movimento pendular entre a sua função de fazer cumprir a lei e, a sua capacidade para a sua suspensão arbitrária; uma figura cujo espetáculo cinético é de chamar para si o monopólio sobre a determinação do que, no urbano, constitui um espaço de circulação, tarefa que executa não apenas quando orienta o trânsito, mas também quando executa com alarde a sua performance de transgressão de sentidos de circulação na

³ Apresentação – Rebeliões e Ocupações de 2011. CARNEIRO, Henrique Soares. In.: Occupy – Movimentos de protesto que tomaram as ruas. Coleção Tinta Vermelha. Boitempo Editorial. 2012.

cidade, com carros velozes cheios de luzes e sirenes alardeando assim a sua excepcional ultra mobilidade, uma vez que para a polícia nunca existe a contramão. (LEPECKI. 2012, p. 52)

No momento em que escrevo estas linhas, na contramão interrogo o tempo e o chão enquanto alguém perde o sono e assiste ao telejornal que alerta e apavora sobre o temporal que virá.

Dia desses ouvi que a nuca é o futuro te empurrando para o presente, traída pela memória – não lembro o nome do autor – fui pesquisar na internet e o resultado da busca foi em absoluto sobre dores na nuca. Somos educados na patologia e na dor. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional⁴ um ano deve ter no mínimo duzentos dias letivo, no mínimo oitocentas horas sob a exigência e vigilância de estar sentada olhando para a nuca do colega da frente. Aos que se recusam a permanência e imobilidade restam o rótulo, a priori, de desinteressados ou a radicalidade da *Ritalina*. O que faz minhas moléculas vibrarem é o movimento, a rebeldia de desejar encarar o presente de frente, cara a cara, de peito aberto. Poder escolher desviar ou morder o mundo com os olhos.

Sigo, sem saber quem conectou a seta do aqui-agora à nuca, mas é como se um olho sonolento morasse no buraco entre o crânio e o atlas.

No momento em que escrevo, as palavras fogem com a mesma velocidade em que brotam na ponta da língua, me parece que a busca por palavras boas entala a passagem de qualquer palavra. É como se eu, sentada aqui na minha caixa branca, protegida pelo privilégio acadêmico tentasse olhar para o passado por um retrovisor embaçado, mas não. Minha pretensão não é uma narrativa historiográfica como fora uma linha do tempo, o desejo é abrir espaço para criar um vocabulário do que se aproxima para mim do que foram e ainda são as Ocupações Secundaristas. Ouço Guattari e Rolnik para me abrigar sob um guarda-chuva de palavras

O que também distingue no plano metodológico nosso projeto de cartografia dos "efeitos" e dos "afetos" das perspectivas científicas anteriores nesse domínio, e que sua quantificação será diferente tanto das quantimetrias físicas quanto das quantificações lógicas tradicionais. Ela não mais terá por objeto

⁴ A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) é a legislação que regulamenta o sistema educacional (público ou privado) do Brasil (da educação básica ao ensino superior). Na história do Brasil, essa é a segunda vez que a educação conta com uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que regulamenta todos os seus níveis.

conjuntos qualificados de maneira unívoca, isto é, conjuntos cujos elementos foram previamente coletados de maneira exaustiva, de modo que se possa sempre saber, sem ambiguidade, se determinado elemento é parte deles ou não. Ela se liga a agenciamentos que podem ser sujeitos a transformações radicais, a esquizos ou a concordâncias que mudam sua configuração, a "reordenações por flutuação", a "implosões sem apelo", etc. Essa ubiquidade e essa multivalência das entidades esquizoanalíticas - de que podemos ter uma ilustração no sonho, mas também na inteligência em estado nascente - permanecem irreduzíveis. (GUATTARI, ROLNIK, 1996. p. 269)

Olho de fora e por dentro; percebo o coletivo como corpo e o corpo como terra que carece ser escavada, remexida, cartografada. Escolho, metodologicamente, um diagrama de palavras para azeitar e oxigenar a minha pesquisa e a partir dele produzir uma trama de intersecções e articulações para pensar a produção de arte nas Ocupações de 2016, me ancoro as definições de diagrama de Deleuze.

É como o nascimento de outro mundo. Pois essas marcas, esses traços, são irracionais, involuntários, acidentais, livres ao acaso. Eles são não representativos, não ilustrativos, não narrativos. Mas nem por isso são significativos ou significantes: são traços assignificantes.[...] Nada mais se vê, como em uma catástrofe, um caos. (DELEUZE, 1981. p. 103)

Encosto os ouvidos bem próximos ao diagrama que Deleuze propõe para identificar a obra de Bacon, para ouvir com a ponta dos dedos como as palavras convivem e se transformam de acordo com a relação e fricção entre elas. Em um diagrama pode-se começar de qualquer lugar, não quero hierarquizar nem dicionarizar as palavras. Rascunho um mapa e nele escolho quatro pontos-palavras de ativação. Para pensar **Educação** convoco Rubem Alves; Aproximo a pele da dança na experiência e nas palavras de Hélio Oiticica para ocupar a palavra **Movimento**; Escuto Lídia Laranjeira, André Lepecki e Paulo Caldas para perturbar a escrita de **Levante** e **Coreografia**. Considerando ainda o desafio de misturar e confrontar minha saliva feminina as palavras ditas por esses homens em um exercício de escutar para dentro, os sons do corpo. A respiração, o movimento do estômago e da circulação sanguínea para ai então escutar para fora, os sons do mundo. Escutar o som da minha escrita e escrever para e com o outro num movimento- tentativa de outrar_se.

Me ocupo, agora, de primaveras passadas, num exercício de memórias do futuro, como se espectros em tons pastéis habitassem meu corpo e pensamento e me pergunto sobre o tempo que nos rege, as memórias que habitam a articulação entre clavícula e o esterno abrindo o plexo e reorganizando a coluna vertebral para luta, talvez ainda eu precise de algumas muitas outras voltas ao redor do sol para encarnar na voz que há de se manter firme, mas sem perder a malemolência.

No momento em que escrevo estas linhas, o cursor marca o pulso da obrigação quase como um coração fora da caixa torácica. Não há nada para dizer que ainda não tenha sido metamorfoseado em arranjos de letras, sílabas, palavras, períodos simples e compostos, parágrafos infinitos, mas essa escrita é sobre encontros e acontecimentos e ela passa por quem eu sou no momento agora. Observo os corpos enquanto espero o ônibus e crio para eles narrativas num exercício compulsivo de endereçar palavras, me interessa o movimento cotidiano à margem das ruas enquanto ouço minha escrita. Os corpos me interessam.

Era manhã de terça-feira e apesar do calendário avisar sobre o inverno fazia muito calor no rio de Janeiro - tenho poucas certezas encrostadas na pele, mas uma delas é: A capital fluminense desconhece limites principalmente os climáticos e meteorológicos – Salto do ônibus lotado; atravesso a passarela 09 da Av. Brasil, tomo café na tentativa de acordar no trajeto até o trabalho. Na entrada da Nova Holanda (Complexo da Maré) um homem alto aparentemente sua idade, marcada no mesmo calendário que a cidade maravilhosa ignora, se aproxima da minha. Ele tem cabelos longos de *dreads*, usa o Uniforme laranja da COMLURB e tal qual seu companheiro de profissão (Sorriso) famoso no carnaval da Marquês de Sapucaí, me diz bom dia com um farto sorriso e vai além... “É muito importante e bonito esse trabalho que vocês fazem aqui.” Ainda um pouco sonolenta “Obrigada, mas como você sabe qual é o meu trabalho?” “Pela sua camisa. Eu respeito muito o trabalho de vocês. É importante e necessário. Eu faço rimas, sou Mc junto com um amigo lá de Ramos. Quero levar um *CD* lá para vocês conhecerem meu som. Quero estar junto nesse trabalho.” Agradei o incentivo e disse que seria um prazer ouvir suas rimas. Encerramos a conversa com um aperto de mãos e um sorriso de boca e olhos. Seguimos para lados opostos. Eu não perguntei o nome dele, mas suas palavras ecoam

ainda na sola dos meus pés quase como uma flutuação sobre a certeza da importância de dançar com os acidentes do chão. Eu duvido todos os dias, mas eu também rezo todos os dias num sincretismo político_religioso pedindo proteção aos santos e anjos de guarda, aos orixás e ancestrais e peço também sabedoria e força a Paulo Freire e Augusto Boal, eu não sei qual deles ou se todos eles me ouviram e mandaram o MC de Ramos com um abraço verbal, quase como um recado “estamos contigo, não vacila!”

Ocupar é habitar? É tornar o espaço possível? São as possibilidades que brotam nas fissuras e rupturas do movimento cotidiano que pretendo me debruçar para pensar em um segundo momento: o que emerge do coletivo? Como o coletivo é produção de arte? Interesse-me também, olhar com atenção para a produção dos corpos em suas subjetividades e efemeridades. Pretendo estabelecer uma fricção entre a arquitetura do espaço escolar e arquitetura corporal de quem habita esse espaço. Qual é arquitetônica do corpo construída em um momento de ruptura e desobediência coletiva?

O que nos interessa, aqui, é a proposição ética e coletiva encampada no levante, na emergência das micropolíticas que tornam possível a criação de espaços de discussão, a possibilidade de um novo modo de operar arte em educação.

A arte como plataforma de desejos para produção da escola que se quer, para quem e para que se quer. Em suma, o que me instiga o olhar e me interessa pensar em arte, é aquilo que ainda não é arte, o que ainda não é um objeto escultórico, uma peça de música ou uma composição de dança, mas aquilo que se produz por via de dissenso, como em Jaques Rancière “uma perturbação no sensível, uma modificação singular do que é visível, dizível, contável.” (1996. p. 370).



Figura 1 - Leandro Moraes. Maio de 2016

Uma questão ainda um pouco etérea, encoberta por uma densa camada de pensamentos desorganizados, mas que pretendo tornar mais palpável nas próximas linhas deste diagrama, à medida que vou me relacionando com as falas e desejos dos Estudantes, vou tornando a palavra mais carne, mais corpo, mais concreto.

PARAGEM II – Espiral do Tempo – Sobreviver é um movimento circular. O processo artístico que aqui apresento está relacionado a possíveis desvios e emaranhados para uma escrita futurante, que torce passado, presente e devires na expectativa de relacionar eventos importantes que marcam nossa história recente ao ponto que estamos no aqui_agora. Como e porque chegamos até aqui nos sentidos políticos, sociais, econômicos, artísticos, éticos e estéticos – seja em uma avançada marcha conservadora que avança em direção a retrocessos monumentais, seja na emergência de discursos e práticas de partilha e guerrilha coletivas em favor de minorias sociais, que se levantam frente as ignorâncias e negacionismos de tempos sombrios que precisamos (re)defender o óbvio para tentar escapar das perversidades do Estado – Podem ser explicados por um emaranhado de fatos e eventos, que nesta paragem exercito articular pelas palavras manifestadas na coletânea *Occupy*.

Os movimentos se manifestam em rebeliões praticamente espontâneas contra as estruturas políticas partidárias e sindicais vigentes, mas sem forjar ainda uma nova articulação orgânica e representativa dos anseios de transformação e ruptura.[...] Houve algo de dionisíaco nos acontecimentos de 2011: uma onda de catarse política protagonizada especialmente pela nova geração, que sentiu esse processo como um despertar coletivo propagado não só pela mídia tradicional da TV ou do rádio, mas por uma difusão nova, nas redes sociais da internet, em particular o Twitter, tomando uma forma de disseminação viral, um boca a boca eletrônico com mensagens replicadas a milhares de outros emissores[...] Poderá a indignação se tornar revolução? (CARNEIRO, 2011. p. 7-8,13)

O estado Dionisíaco dos acontecimentos, dos corpos e movimentos e a violência são marcas importantes para a construção dessa espiral. Seria desonesto de minha parte dizer a vocês que farei um recorte historiográfico afim explicar ponto a ponto, cada processo evolutivo dos movimentos populares das manifestações no mundo árabe, passando pelo movimento *Vem Para Rua*, as Ocupações Secundaristas, as OcupaMinc, o Fora Temer, #EleNão. Da polarização radical do Brasil em direita coxinha ou esquerda mortadela. O que venho engendrando ao longo deste trabalho é um exercício de não apagamento das construções coletivas. Este um trabalho de colagens, sobreposições, dobras, camadas.



a presença da massa de jovens e velhos rebeldes nas ruas e praças nos fascina. Há o fervor em reconquistar de maneira coletiva e pacífica territórios urbanos, praças e largos, verdadeiros espaços públicos marginalizados pela lógica neoliberal privatista que privilegiou não espaços de manifestação social, mas espaços de consumo e fruição intimista.[...] Os novos movimentos sociais, a princípio, não incorporam utopias grandiosas de emancipação social que exijam clareza político-ideológica. Pelo contrário, eles expressam, em sua diversidade e amplitude de expectativas políticas, uma variedade de consciência social crítica capaz de dizer “não” e mover-se contra o status quo. (ALVES, 2012, p. 36)

2. Método

Respira, parece que chegamos bem até aqui. Talvez um pouco confusos e casados, mas ainda respiramos certo? Às vezes só respirar não é suficiente, é preciso estar atento ao movimento de troca do corpo com o espaço, observar com atenção onde estamos e para onde vamos. Me parece importante neste momento revisitar alguns pontos do roteiro para seguirmos a viagem em parceria. Então, vamos lá: O que é este trabalho: Produção de agenciamento de memórias dos Estudantes Secundaristas que protagonizaram as Ocupações de suas escolas em 2016. Você pode estar me perguntando: Este trabalho, então, poderia ser escrito, pesquisado, pensado, na história, na sociologia, na educação, por que exercitá-lo em arte? Eu respondo ainda me perguntando, como uma espiral: Porque o exercício coletivo, experimental, inacabado se apresenta para mim como arte. O movimento de moléculas efervescentes de um recorte social específico – jovens entre 14 e 18 anos – que carregam no corpo um frescor de rebeldia, digo isso não para romantizar, mas me aproximar dessas borbulhas que me saltam aos olhos.

Olhar para as ocupações como um cartógrafo, entender e me aproximar do corpo e das palavras que orbitam esse momento e como crio tensões e relação entre os autores que me interessam e as palavras que me aparecem na escavação, esse é o exercício do primeiro capítulo Fragmentos Cartográficos. Alicerço minha intuição sobre o trabalho do *cartógrafo* “*Pistas para o método da Cartografia – Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.*”⁵ Destaco, aqui, a pista 6 – Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. Para ampliar, umedecer e borrar o cristalino dos olhos no exercício de reposicionamento dos pontos de vista.

Cartógrafo acompanha essa emergência do si e do mundo na experiência. Para realizar sua tarefa não pode estar localizado na posição do observador distante, nem pode localizar seu objeto como coisa idêntica a si mesma. O cartógrafo lança-se na experiência, não estando imune a ela. Acompanha os processos de emergência, cuidando do que advém. É pela dissolvência do ponto de vista que ele guia sua ação. (EIRADO, PASSOS p. 129)

⁵ Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.

Dizer que produção de coletivo é arte é evidenciar e confrontar um campo de uma série de disputas com os objetos que já estão no mundo e são lidos como arte e o que eu acredito e flexiono no mundo como arte, Mas o objeto e o objetivo não é estabelecer um conceito ou um novo paradigma do que é arte, e sim, exercitar a uma narrativa que fricção experiência – afeto – conceito. Neste sentido, no segundo capítulo deste trabalho apresento a criação de um princípio de ativação coreográfica por via de imagens e palavras, o que vou nomear, a princípio, de correspondências espirais de memórias de futuro. Um jogo triangular de endereçamentos de questões ativado entre três pessoas, duas estudantes que encamparam o movimento “Escolas do RJ em Luta” e eu. O convite é realizar uma busca nos arquivos pessoais e arquivos públicos para encontrar sete imagens_memória é produzir uma legenda para cada uma dessas imagens memórias e construir uma espiral de palavras que cambalhotem entre a cronologia dos fatos, os desejos e afetos. Um exercício de roçar a pele no desafio de produzir arte pós Ocupações. Invisto, no terceiro capítulo, nessa escrita coletiva e inacabada, o inacabamento, se apresenta para mim, também como metodologia e protocolo de criatividade e produção.

Segundo o Movimento “Escolas do RJ em Luta” em abril de 2016 quarenta e cinco escolas em todo o Estado do Rio de Janeiro estavam ocupadas. Segue a lista divulgada pelo movimento em março de 2016

Zona Norte/Rio = 12

CE Prefeito Mendes de Moraes - Ilha do Governador
 CE Gomes Freire de Andrade - Penha
 CE Heitor Lira - Penha
 CE Visconde de Cairu - Meier
 CE Clóvis Monteiro - Higienópolis
 CE Compositor Luiz Carlos da Vila - Manguinhos
 CE Chico Anysio - Andaraí
 CE Hispano Brasileiro João Cabral de Melo Neto - Méier
 CE Herbert de Souza - Rio Comprido
 CE Antônio Houaiss - Méier
 CE João Leite Lopes - Nave - Tijuca
 CE Professora Sônia Regina Scudese Dessimoni Pinto - Brás de Pina

Zona Sul/Rio = 2

CE Amaro Cavalcanti - Largo do Machado
 CE André Maurois - Leblon

Zona Oeste/Rio = 3

CE Stuart Edgar Angel Jones - Senador Camará

CE Bangu - Bangu

CE João Salim Miguel - Bangu

Baixada Fluminense = 4

CE Irineu Marinho - Duque de Caxias

Ciep 335 - Professor Joaquim de Freitas - Queimados

CE Professor Alfredo Balthazar da Silveira - Magé

Ciep 114 - Maria Gavazio Martins - Vilar dos Telles

Região Metropolitana = 7

CE Euclides Paulo da Silva - Maricá

CE Francisco José do Nascimento - Maricá,

Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho - Niterói

CE David Capistrano - Niterói

CE Paulo Assis Ribeiro - Niterói

CE Nilo Peçanha - São Gonçalo

Instituto de Educação Clélia Nanci - São Gonçalo

Região dos Lagos = 4

CE Matias Neto - Macaé

CE Doutor Francisco de Paula Paranhos - Iguaba Grande

CE Edmundo Silva - Araruama

CE Luiz Reid - Macaé

Região Sul Fluminense = 5

CE Dr. João Nery - Mendes

CE Guanabara - Volta Redonda

Ciep 403 – Maria de Lourdes Giovanetti - Volta Redonda

CE Professor Aragão Gomes - Mendes

CE 295 - Professora Glória Roussin Guedes Pinto - Volta Redonda

Região Norte Fluminense = 3

CE José do Patrocínio - Campos dos Goitacazes

Liceu de Humanidades de Campos - Campos dos Goitacazes

CE Coronel João Batista de Paula Barroso - Campos dos Goitacazes

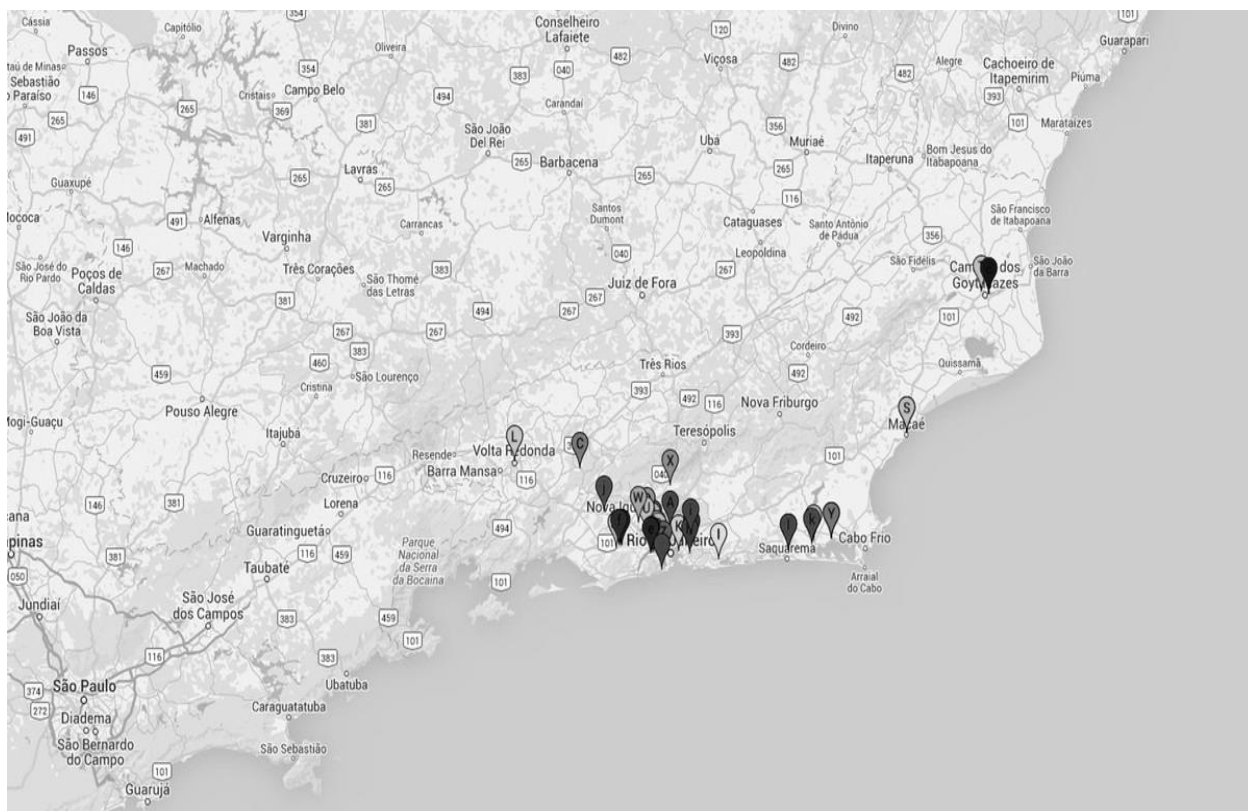


Figura 2 - Mapa divulgado na página do Facebook do "Escolas do RJ em Luta" em Abril de 2016

Estou em contato com estudantes do primeiro colégio ocupado Prefeito Mendes de Moraes, Ilha do Governador, Zona norte da capital; Estudantes Colégio André Maurois, no Leblon, na Zona Sul onde participei de atividades no período das ocupações; Apesar de também terem sido ocupadas, as escolas técnicas estaduais não estão listadas acima. Estou em contato com estudantes da FAETEC Adolpho Bloch, São Cristóvão, Zona Norte. A princípio são estudantes de três escolas diferentes, mas a comunicação em rede, apesar de digital e sem fio, facilita a aproximação e o contato.

Cartas espiraladas foram a maneira que encontrei para sobreviver e dar vasão ao ano de 2020, segundo a astrologia esse ano será regido pelo sol e o que diziam os astrólogos é que seria um ano de grandes disputas políticas e transformações mundiais, até aqui, me parece que os astros e seus interpretes não mentiram e nem nos pouparam de nenhuma previsão, aliás o que acontece no mundo hoje é sem precedentes ou previsões, no Brasil, respiramos debaixo da água insalubre que é o desgoverno do presidente eleito em 2018. A desesperança é tamanha e começo a acreditar que nem o mais pessimista dos homenzinhos que

caminham sobre a terra poderia ter visto o copo tão vazio. Xangô, o Orixá da justiça é o regente desse ano e me parece que a pedreira de Xangô precisa de muita água mole, e coragem, para ser furada. Estou te contando sobre essas importâncias cósmicas, no dia de São Jorge sem feijoada ou cerveja na Portela, para flexionar um entendimento de minhas escolhas.

Há mais de trinta dias o Brasil está em quarentena. Vivemos em isolamento social no país tropical desde 24 de março de 2020 e o mundo, o mundo também parou. Proponho então, uma dança coletiva com endereçamento de palavras isoladas no terceiro capítulo deste trabalho, convidei três amigas para o que chamo de Endereçamento Pós – Mutação. Um exercício de escuta e escrita em quarentena, para sonhar outros possíveis em meio ao caos.

Cartas espirais e Endereçamentos pós mutação serão praticados em isolamento social, mediados pelas telas de computadores, Laboratórios de escritas coletivas para operar a esperança em meio ao colapso global.

ESCREVER ----- MOVER ----- VER ----- OUVIR ----- ESCREVER

3. Fragmentos Cartográficos

O que proponho neste primeiro momento não é um compilado de significados para as palavras. A proposta é um levantamento afetivo do que se apresenta para mim como processo de experiência com elas. Uma fragmentação afetiva de uma jornada, um diário público, uma raspagem da tinta das questões que colam e descolam da minha relação transitória com cada um dos fragmentos e com todos juntos. O convite é para um chá da tarde, na confeitaria Colombo com Foucault, Deleuze, Mombaça, Lepecki e tantos outros que cruzam nossos corpos e atravessam o assunto em meio ao caos do centro do Rio no fim da tarde. O convite é para uma imersão na instabilidade do pensamento que se enraíza na teoria, mas deseja emergir na carne, na experiência. Convoco Hélio Oiticica para abrir os caminhos, e enquanto sirvo um chá de hibisco com gengibre ele pode contar o que é a dança em sua experiência e pensar junto o que é essa tal de experiência que vou repetir obsessivamente durante as próximas linhas.

Caráter fragmentário e temporal do movimento da dança. Os movimentos do corpo que dança se transformam continuamente. O estar temporário, do estar em transformação, do tornar-se. Obra do artista inacabada e aberta; ela depende da participação do outro. Não existem planos, indicações nem modelos preestabelecidos. O participante é deixado totalmente livre em sua ação. Nova forma de expressão: uma poética do instante e do gesto, do precário e do efêmero. (OITICICA, 1966. p. 3)

O trabalho tem esse caráter fragmentário que nos fala Oiticica, é como reúnio e convoco minha dança. É uma reunião do que me interessa e do que me coloca no mundo, ora burocraticamente, ora performaticamente. A sobrevivência dos Ornitorrincos ou uma ecologia da desobediência é um caderno de experiências que ginga no entre.

3.1 Fragmento Cartográfico 1 – Educação

A escola é uma selva. Penso isso desde o ensino médio, no pátio do colégio público de muros altos, onde estudei a vida toda. Ainda muito jovens, somos jogados aos leões e há de se aprender a sobreviver e para tal, nos aninhamos a outros animaizinhos tão ou mais assustados que nós. Eu era de uma matilha que desafiava as regras gramaticais de coletivo, lobo misturado à ovelha, elefante, hiena, coruja. A gente se aproximou muito mais pelo cheiro do medo do que pelas espécies.

O sino para o intervalo tocava às 9h40min. Vivíamos aquilo como o estouro de uma manada faminta por salgadinhos de isopor e refrigerante barato de qualidade duvidosa. Anos depois, me encontro com as palavras de Rubem Alves o som daquele sino ainda ressoa em minhas moléculas disciplinadas. Socializo suas palavras e enquanto escrevo os sinos dobram.

Uma coisa terrível no nosso sistema educacional é que ele é criado à imitação da linha de montagem das fábricas. Porque a linha de montagem é uma esteira e lá vai e o objeto no qual em cada fase você aparafusa outra, acrescenta outra, no mesmo ritmo. E é assim que acontece nas escolas, as crianças vão lá para ser montadas. Lição de Português, lição de geografia, no mesmo ritmo, como se todas as crianças fossem iguais, como se todas as crianças tivessem o mesmo interesse. E veja outra coisa terrível, eu acho terrível: eu estava numa escola lá no interior de São Paulo conversando com o diretor e conversando com os alunos e, de repente, tocou aquela campainha infernal, que me ofendeu os ouvidos. Eu comecei a pensar: mas que coisa absurda! Toca a campainha, 45 minutos de aula de português, toca a campainha, para de pensar português, começa a pensar geografia; 45 minutos pensando geografia; toca a campainha, para de pensar geografia e vai pensar matemática. Mas quem foi o psicólogo louco que disse que a cabeça funciona assim? (ALVES, 2013. p. 99)

Rubem Alves nunca esteve na Escola Estadual Cel. Eduardo José de Camargo – colégio onde estudei a vida toda no interior de São Paulo – mas diz tanto sobre nós, que a cada linha que leio de suas palavras acredito ainda mais que a instituição escolar se aproxima da imagem de uma camisa de tamanho único que deve servir a todos os corpos.

Escrevo em primeira pessoa, cartografando minhas experiências para

tencionar e friccionar nesta plataforma de composição a relação de indivíduo e coletivo. Acredito na educação como um processo coletivo e não como uma instituição reguladora que tem a proposta central de vigiar, punir e normatizar os indivíduos. Em *Vigiar e Punir* (1987), Foucault apresenta a disciplinarização dos corpos como estratégia fundamental para o adestramento, pacificação e controle do corpo social. Observamos no seu pensamento sobre o que ele chama de corpos dóceis, que a disciplinarização é necessária para a construção de um modelo de sujeito que caiba nas formas, fundamentos, técnicas e que corresponda as convenções, normas e regras. Assim, cumpre rigorosamente as expectativas das relações de um corpo-sujeito-objeto.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, “corpos dóceis”. A disciplina aumenta a força do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essa mesma força (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma capacidade que ele procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeito estrita. (FOUCAULT, 1987. p. 119)

Voltando a falar das Ocupações. Acredito nas Ocupações como uma rachadura na dureza institucional, que produz não só fissuras como também reinventa os modos de habitar, ocupar, com-viver. e é por esta fenda que nascem movimentos de experimentação de outros possíveis do próprio corpo e do espaço-tempo. Dia desses, me encontrei com as palavras de Isabella Dias e Luiz Guilherme Barbosa. Ela estudante do Colégio Pedro II e ele professor de Português e Literaturas de Língua Portuguesa, também no Pedro II. O texto “Escola corredor: por uma poética da ocupação (a duas vozes)”, escrito pelos dois me aponta um caminho de transformação e beleza a partir dessa rachadura que me interessa. Compartilho um trecho para fazer ressoar os sons dos corpos corredor adentro.

O engajamento pelo trabalho da arte - e pelo trabalho do amor – é, portanto, a maneira mais democrática de aprender.[...] Uma ocupação é performativa , e por isso uma ocupação precisa de vozes, corpos em coro. E uma ocupação escolar produz currículo: doação de aulas, oficinas, assembleias, aulas públicas. Abre, sob a lição etimológica dessa palavra, currículo, dessa palavra, curso, caminho para uma aprendizagem pela

urgência erótica do coro: produzir e afirmar os corpos negros, femininos, transgêneros, periféricos contra a explosão terrorista dos corpos, contra a implosão estatal dos corpos. (DIAS, BARBOSA. 2018.)

A instituição deixa de ser uma grande caixa de concreto, para ser chão habitável, morada. Um movimento de pertencimento e investigação de si e do espaço, como nos conta a Estudante Maria Eduarda – aluna do 2º ano do ensino médio da Escola Amaro Cavalcanti.⁶

É necessário a gente saber, né?! Porque havia uma privatização, a gente não sabia como funcionavam as coisas e tudo mias, então agora que já vimos tudo mais de perto, que a gente conhece cada canto da escola. Da cabeça aos pés, do início ao fim e vai ser uma relação mais amorosa.

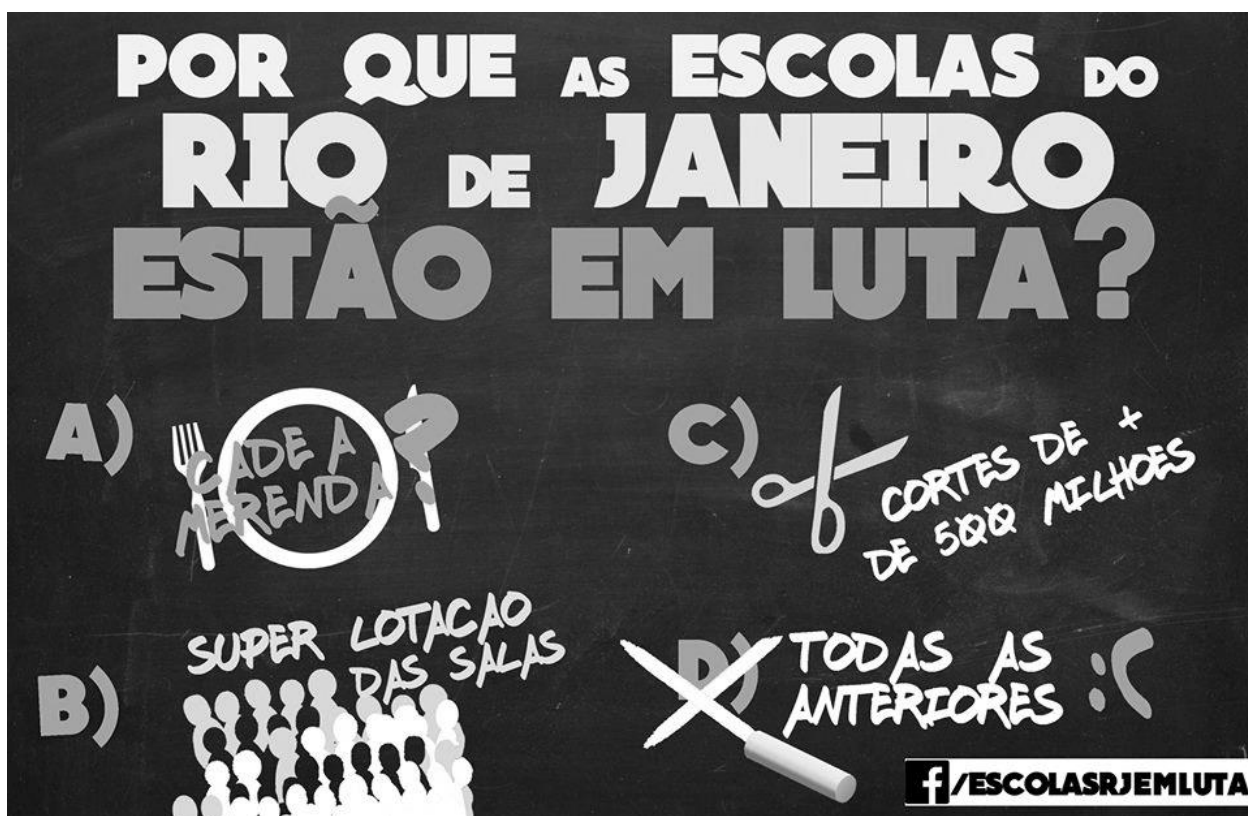
O coletivo agita as moléculas e propõe um novo estado de corpo e é por via deste estado que me interessa pensar educação. O que faço aqui é quase um manifesto por uma *Educação em Estado de Floresta*. O movimento de ocupar me aponta um caminho de *desinstitucionalização* dos corpos e desejos, nos aponta uma reorganização do modo de operar como artistas e educadores e faz despontar o desafio de viver o dia depois da ocupação. Me encontro em inquietação com a fala do Estudante Wictor Soares – Aluno do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual Amaro Cavalcanti

Todos os dias a gente tira essa pergunta: como vai funcionar a escola quando a ocupação acabar? Porque agora conhecemos lugares que não conhecíamos, temos acesso a lugares que quando as aulas voltarem, a gente sabe que não vai ter mais acesso. E a gente também fica pensando na questão da convivência. Como vai ser a nossa convivência a após a ocupação? E em relação as nossas pautas, a gente espera que elas sejam executadas, que possam ser respeitadas e levadas a diante. A gente sabe que questões de infraestrutura podem demorar, mas inclusive, a gente quer encontrar um meio que certifique que esse processo vai acontecer e a nossa busca agora é: responder e poder executar o que é uma ocupação após a ocupação. Depois que esse movimento for encerrado o que a gente vai fazer para deixar a escola melhor? Esse é um próximo passo que a gente está conversando, projetando. Porque a gente quer uma escola melhor, a gente quer

⁶Transcrição minha da fala da estudante Maria Eduarda do vídeo: Colégio Estadual Amaro Cavalcanti - Rio de Janeiro #ocupaamaro disponível em: (<https://www.youtube.com/watch?v=t6cMPRX0mS4&t=319s>) Acesso: 15 de Setembro de 2018.

implementação da cultura, a gente quer um espaço onde os jovens trabalhem mais junto com os professores e moradores do entorno. A gente quer que a escola seja uma escola ideal e essa escola ideal, está aqui, só a gente não está enxergando. Acho que o movimento de ocupação trouxe uma luz e agora a gente consegue enxergar uma escola ideal.⁷

A fala de Wictor é sempre no plural, é a leitura de um processo coletivo que nos aponta uma resposta poética de troca; uma orientação que nos enche de ar: uma troca constante do meio interno com o meio externo, um movimento que sempre está aí, mas nós muitas vezes não percebemos. Não acredito que como Wictor disse, as ocupações tragam à luz uma escola ideal, mas as ocupações evidenciam o que é mais importante para a construção de uma educação libertária e de qualidade: o coletivo, o nós.



⁷ Transcrição minha da fala da estudante Wictor do vídeo: Colégio Estadual Amaro Cavalcanti - Rio de Janeiro #ocupaamaro disponível em: (<https://www.youtube.com/watch?v=t6cMPRX0mS4&t=319s>) Acesso: 15 de Setembro de 2018.

3.2 Fragmento Cartográfico 2 – Corpo e Movimento

Tenho trazido ao longo desta dissertação desejos de transformação que questionam o poder disciplinar, mas como falar de implodir sistemas institucionais sem antes tocar no corpo? Preciso, portanto, olhar para o corpo: suas estruturas, camadas, cheiros e gostos. É o corpo que sou que me ensina sobre a imensidão de ser corpo. Então vou tocá-lo com esta escrita. O texto a seguir – na continuidade da experimentação com a escrita que tem fundamentado este trabalho desde o princípio – busca desarticular a institucionalidade de meu próprio corpo. Narra sensações de perdição e angústia no contato com desejos de mudança que se fundam em experiências.

Escrever é tátil, e o texto que aparece aqui acontece na pele. Encarnado. Antes de ser propriamente escrito, o texto se inscreve no corpo, criando rachaduras e veredas. O texto-corpo procura lutar para sobreviver. Não é delicado. Sinto como se as palavras rasgassem minha pele, mordessem minhas orelhas. E o que escuto é: escrever para sobreviver. Encosto as mãos no rosto e percebo que o bronzeado do verão passado já era. Fricciono as mãos no rosto, a pele morta descama. Sobreviver. As células da pele se renovam. Sobreviver. A cada trajetória, um *descomeço*. Acompanho os espaços no corpo onde o acontecimento se faz. Imagino buracos e fissuras.

O corpo que sou é cheio de distâncias que nem sempre percorro. Hoje, estou pensando o corpo como um volume feito de distâncias que criam buracos. Entre o que é estruturante no corpo existem os buracos. Buracos de todos os tamanhos. Tenho necessidade de percorrer distâncias para quem sabe, poder preencher de sentido esses buracos. Mas não posso esquecer que pensar em distâncias é também pensar em proximidade. A mandíbula, por exemplo, é tão distante quanto próxima do estômago. Nós somos tão distantes de nós mesmos, como a mão é distante do pé. Meu corpo esburacado, distante de si. Repleto de lugares que eu não fui. Não sou muito de ir. Meus pés gostem de ficar. De permanecer. Mas os lugares que nunca fui me dão saudade. Ouço em looping: o corpo é feito de distâncias. A distância entre a mão e a orelha; entre o indicador e o dedo mindinho... Entre um braço e outro tem um tronco de distância. Entre!

Carrego em mim toneladas de palavras, um tanto de peles e carapaças, uma dúzia de máscaras, um bocado de perguntas sem respostas para usar a cada retorno. Imagino meu corpo como uma mala e me jogo num ir e vir de deslocções pela cidade. Jogo circular, tão novo quanto constante. Ser corpo-mala me confunde. Corpo-mala guardado em cima do guarda-roupa, com cheiro de saudade úmida. Às vezes meu corpo-mala não cabe em lugar algum, não tem um cantinho para ser guardado. Transbordo. Percebo que não dou mais conta de ser trânsito.

As coisas todas que as pessoas me dão eu guardo no corpo-mala. Mala-corpo. Me imagino missionária dos *cacarecos*. Junto dia após dia latas de ervilha, badulaques, espelho quebrado, chiclete mascado, vestidos de festas que eu não fui, cafés requentados, recortes de revistas, fotografias em 3x4 de pessoas que eu não conheço, um disco da Clara Nunes, uma agenda de 2016 com todas as páginas em branco, rolos de barbante, durex, grampos de cabelo enferrujado, palavras, muitas palavras... Histórias que me contam e que assumo como minhas. Acumulo e confesso: tenho dificuldade em desfazer a mala e organizar as gavetas.

Encontro acolhimento para esta experiência intempestiva de ser corpo nos estudos da corporeidade, que chegam até mim pelas mãos da pesquisadora Maria Ignez de Souza Calfa, *A corporeidade nos ensina a acompanhar o corpo no fazer de si mesmo, colaborando para o entendimento do corpo como multiplicidades. Pensar corporeidade é lançar-se no desafio de não dicotomizar as relações entre corpo e mundo, entre mim e o outro, entre céu e terra.*

A partir da experiência com os estudos da corporeidade o corpo é aquilo que aparece na experiência de deparar-se com estar vivo. Assim, corpo é tudo o que cabe nele e que se materializa como corpo. Se sofro com o acúmulo de contas para pagar, isso é corpo. Desviar o olhar da caixa de correio com medo da chegada de mais um boleto é corpo. A lembrança do canto das formigas vermelhas que eu insistia em apagar o caminho quando criança: corpo. A saudade que paira como um pássaro que flutua no céu azul de outono: corpo. O coração que acelera e o estômago que gela ao ouvir e ver tantos corpos reunidos memória de fazendo corpo.

O que vem presença e aparece de si mesmo é *corpo*. Quantos corpos cabem em um corpo! Corpo é tudo e em tudo o que percebemos a cada

instante, seja fora de nós, seja dentro de nós. Tudo o que for será em nosso corpo *corpo*.

Na separação entre corpo e alma, o esquecimento da corporeidade, na qual não existe o humano fragmentado, que toma o corpo apenas como substância opaca, invólucro a abrigar e a esconder a alma e a impedir o que essencialmente somos. Por esse caminho não se entende o corpo como corporeidade, porque perde de vista a totalidade do que está sendo. Na premissa metafísica das dualidades, o corpo se vê sempre rebaixado, inferiorizado, depreciado, e a alma, posta a cima, superior, louvada. O corpo, o imperfeito, a confrontar-se com a leveza e a perfeição da alma. (CALFA. 2014 p. 47)

Lidar com as questões do corpo é jogar-se ao risco de notar a imperfeição do mundo. É estar disposta a acompanhar dia a dia as tensões entre o que é material e imperfeito; o que é subjetivo e sublime. É atirar-se em voo livre no sem fim de possibilidades que estão para além de divisões e conceitos anatômicos e/ou institucionais. É preciso tirar a poeira do significado de corpo dado pelos estudos anatômicos clássicos. Corpo é bem mais que cabeça, tronco e membros. Para voltarmos a nos deparar com questões sobre o corpo vamos precisar ocupar e habitar o corpo. Saibamos: o corpo é um guardador de perguntas.

Quero que os corpos esburacados e famintos como o meu tenham lugar no mundo. Penso nesses corpos na companhia das articulações teóricas de Jota Mombaça:

[...] Segundo a Teoria Corpomídia⁸ (Katz e Greiner, 2004) nos diz de um intenso trânsito de trocas, no qual os processos perceptivos não cessam de ser atualizados por novas relações que redefinem contextualmente o próprio corpo. Temos, aí, uma teoria do corpo em mutação, corpo que vive na “plasticidade do sempre-presente”, sendo atravessado, compondo com o ambiente. E por que não dizer corpo monstruoso, retomando J.J. Cohen: híbrido, disruptivo, resistente a toda tentativa de inclusão em estruturas semânticas. Daí a proposta de “abolição da moldura disciplinar” em prol de uma abordagem contextual e transitória que force a produção de conhecimento a assumir a precariedade que a constitui, abrindo-a à multiplicidade de estratégias e procedimentos metodológicos requerida para esse corpo indisciplinar. (MOMBAÇA, 2016. p. 344)

A consideração de corpos monstruosos como corpos indisciplinados ou

⁸ Corpomídia: O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. É com esta noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida, e não com a idéia de mídia pensada como veículo de transmissão. A mídia à qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo. A informação se transmite em processo de contaminação. (KATZ; GREINER, 2004, p. 7)

ainda a possibilidade de se pensar a indisciplina a partir dos ensinamentos que os corpos monstruosos têm a nos oferecer, me ajuda a perceber que para que haja movimento é fundamental que os corpos saibam que são corpos. Quer dizer, é fundamental que se exercite “caber em si”, situar-se e tomar consciência da potência que é existir a partir da perspectiva revolucionária de *aprender com corpo*. O movimento, no seu início, mora no corpo e produz uma prática transgressora.

É o movimento que abre espaço para o surgimento de indisciplinas. É o movimento que age nas **DESOBEDIÊNCIAS**.



3.3 Fragmento Cartográfico 3 – Levante

Sobre levante, arrisco-me em queda livre, no escuro e sem poder ver para onde desabo. Como Alice⁹ caindo, caindo, caindo, na toca do coelho apressado. Caminho por um espaço úmido e quente. Vou tateando e devagar encontro estruturas, talvez paredes, cobertas por matéria pegajosa, densa. Não sei que lugar é esse, que estruturas são essas, mas preciso continuar. Seguir em frente nesse buraco que eu me enfiei, não sei bem porquê. Mas continuar me ajuda a respirar. É o que garante que eu ainda respiro. Cavar buracos é produzir modos de desopilar o tórax. Não saber por onde começar é sobre produzir bifurcações, talvez, seja esse um bom começo. “Escolher o que ignorar é estudar?”¹⁰

Sobre levante, arrisco-me ao desafio de tencionar linhas entre política e o Conceito de devir¹¹-revolucionário, para produzir uma dança nas emergências de linhas-de-fuga. “A única chance dos homens está no devir-revolucionário, o único movimento capaz de esconjurar a vergonha ou responder ao intolerável”¹² (DELEUZE, 1990). Começando uma conversa com Deleuze, diria que nossa única chance de sobreviver está na nossa capacidade de acreditar nos devires, acreditar e promover invenções e impossíveis.

Sobre levante, me interessam as pequenas revoluções cotidianas, os desvios, o caos e – mais uma vez – a desobediência. O interesse é por corpos que se levantem ante as opressões e que se posicionem em relação às coisas no mundo. Nesse sentido, não é possível pensar levante para fora de um corpo. Lídia Larangeira pode nos contar como levante, enquanto palavra e energia, pode reorganizar as estruturas.

A palavra LEVANTE atua como força energizadora e criadora do trabalho através de sua capacidade de propor movimento e mobilização, em explícita proximidade com o imaginário da dança e da coreografia. Todavia, em investigação mais detida, a

⁹ Alice é a personagem principal da obra de Lewis Carrol – Alice no País das Maravilhas, 1896.

¹⁰ LIMA, Élida in MOMBACA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. 2016.

¹¹ “Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de tornarmos, e através das quais nos tornarmos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo.” DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix, Mil Platôs vol. 4, 1997, p. 68

¹² O Devir Revolucionário e as Criações Políticas. Entrevista de Gilles Deleuze a Toni Negri. Publicada em Futuranterieur, Nº 1 primavera de 1990.

complexidade das produções que envolvem o termo, revela que o LEVANTE não é somente impulso ao movimento em fluxo contínuo, mas, de fato, trata-se de um paradoxo que “conjura movimento e repouso”⁵² capaz de problematizar paragem e mobilização, atividade e passividade. Em outras palavras, o LEVANTE convoca uma ação de saída da inércia, o despertar de um sono, um deslocamento do chão para o alto, um impulso de ação ou de interrupção do que já não é mais suportado, maquinando repouso ativo e agitação passiva. Como substantivo, pode ser usado para descrever tanto pequenos sismos de ações microativistas, quanto forças revolucionárias e subversivas que podem desencadear, na escala macroscópica, grandes movimentos de revolta, motim, insurreição e revolução. Coreograficamente, LEVANTAR conclama uma mudança de posição estatutária, uma saída do lugar de conforto, uma reconfiguração poético-espacial. (LARANGEIRA, 2019. p. 42)¹³

Não me parece possível produzir uma estratégia política de enfrentamento, ruptura, movimento e paragem que anseie por uma ação coletiva, mas que não saiba “ouvir” suas próprias costelas. Percebo, por exemplo, que meu *estômago gela* quando ouço discursos que se descolam da prática, o nariz se contorce frente aos movimentos neoliberais, que mesmo em sua marcha cinética desenfreada, não movem. A revolução acontecerá pelas bifurcações do corpo ou não acontecerá.

Há de resistir, mas sem perder a malemolência, para que seja possível oxigenar as práticas diárias mexendo a pelve, descolando a dureza da luta chacoalhando os ombros para que o discurso não endureça o trapézio e as palavras não se esvaziem quando saltarem da boca. E que eu possa ouvir a reverberação do som da minha própria voz, não por vaidade, mas por medo da reprodução desenfreada do que não me pertence. Não quero engasgar com frases que eu não disse. É preciso dançar para seguir lutando.

A relação da cidade com a ação política, as coreografias de levante e as imobilidades me interessam para produzir outras ferramentas de resistência e resiliência. Reelaborar – na micro-política das ruas, dos becos, do que escapa, dos fantasmas e da pele da cidade – formas de produzir relação.

A cidade é o Rio de Janeiro, estou carioca há seis anos e não conheço quase lugar nenhum, mas me reconheço em algumas pedras e janelas de uma rua em que nunca estive. São vinte e uma horas de uma sexta feira de outono,

¹³ Coreografias e contracoreografias de levante: engajando dança, grafias e feminilidade / Lidia Costa Lorangeira. – 2019.

por incrível que pareça o vento é frio na cidade maçarico, ando por cerca de vinte minutos e o vento já não faz diferença, a temperatura do corpo é relativamente alta. Paro. Muitas pessoas, elas parecem todas iguais, saídas de um túnel do tempo, as roupas e cabelos remontam certa nostalgia oitentista. Conto as moedas, compro uma água, o casaco, acessório indispensável para uma jovem senhora como eu, já está amarrado na cintura, me aventuro na travessia por entre os corpos e ambulantes que fecham os dois lados da calçada com suas bicicletas e latões a três por dez. É quase impossível caminhar porque todos estão caminhando, é estranho como ninguém dança, só passam. Parecemos procurar por alguma coisa que nunca está onde estamos, é preciso caminhar, me aproximo um pouco mais da música, mas ainda é pouco audível o que toca. Paro. Uma roda de amigos do meu lado direito comenta o mapa astral de um deles, justificam seu comportamento pela localização de sua Vênus. Do lado esquerdo, Marcelinho coxinha aceita cartão, compro uma *Heineken* pra tentar sobreviver à passagem rápida dos corpos e lenta do tempo. A lua está deslumbrante e eu consigo vê-la por entre as fachadas de janelas grandes e os sons de bocas raivosas que falam compulsivamente, mas não dançam. Penetro um pouco mais a multidão, o samba voltará. Impossível chegar, muitos corpos se apropriam do espaço com certa arrogância, me parece que reside em cada um de nós um latifundiário do espaço público. Ocupamos o espaço, mas não fazemos nada com ele. Não dançamos e também não deixamos o outro dançar. Não se pode passar, os movimentos são contidos, mesmo agora com o som chegando, não é possível rasgar o espaço. Ninguém canta, ninguém dança, alguns estão de costas para o samba, e ainda assim não desocupam o paralelepípedo. Talvez eu esteja tentando ditar a experiência alheia de estar na rua, mas é só um desejo de mover por outros caminhos que não o de caminhar de um lado para o outro, de um lado para o outro, de um lado para outro. A única possibilidade de existir aqui é a margem, voltei alguns passos, encontrei uma clareira de cabeças na calçada esquerda. Paro. Respiro. Ali, parada, observo. Me distancio e observo: Os pés passageiros, as bocas verborrágicas, os quadris parados, aos poucos meus ouvidos se abrem e a canção se aproxima, vai ficando cada vez mais alta. Em doses homeopáticas de bons encontros, por acaso o vento sopra aos meus ouvidos: “Está nascendo um novo líder, no morro

do pau da bandeira, está nascendo um novo líder...”¹⁴ A marginalidade nos leva a construção corporal de uma liderança? Assim, como em Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, Torna-se Mulher.”¹⁵ Seriam as lideranças políticas construídas incessantemente as margens, nos corredores, na precariedade, nas ausências? Tornar-se líder é subverter para sobreviver? Que corpo é esse liderança? Saber é poder ou é sabor e aumento de potência? Quais saberes ocupam os corpos nas escolas? Ou ainda quais corpos podem ser saber nas escolas?

Uma escola acontece mais nos corredores do que nas salas de aula. Assim é muitas vezes, quando conversar e conviver parecem uma dupla inimiga dentro de sala e amiga fora dela. Num corredor entre uma aula e outra, num corredor antes ou depois das aulas, num corredor durante o intervalo, qualquer conversa informal pode revelar qualquer coisa em comum entre aluno, professor, inspetor, diretor, a mesma linha de ônibus que tomam para chegar até a escola, os filmes que viram no fim de semana, alguma memória de infância. Nesses diálogos estarecedores, é encantador perceber que professores, assim como alunos, comem morangos no café da manhã. Uns e outros preferem um caminho a outro, uma música a outra, uma banalidade a outra. Os corredores, simétricos à sala de aula, liberam uma energia pedagógica que a sala de aula burocratizou. Mas nem isso basta porque, quando nos juntamos e conversamos, fica clara a necessidade de se trabalhar com urgências. Serventes, seguranças, cozinheiros participam menos dos corredores de uma escola, que fazem a vez de uma fronteira entre os saberes da sala de aula e os saberes que não circulam pelos corredores. O corredor da escola é uma fronteira entre currículos, entre os saberes considerados dignos de serem ensinados, e aqueles alijados do processo de formação tal como instituído pela sociedade e pelo Estado na escola. Os saberes que não participam do currículo escolar nem costumam frequentar os corredores consistem em práticas de cuidado: cuidado com a comida e a alimentação, cuidado com a limpeza e a higiene, cuidado com o patrimônio e a segurança. Cozinheiros (quase sempre mulheres), seguranças (quase sempre homens) e serventes são, quase sempre, negros. Esse conjunto de saberes e práticas Mariana Oliveira, ex-aluna do

¹⁴ Música Zé do Carço da cantora e Compositora Leci Brandão, a canção foi escrita em 1978, foi censurada pela gravadora da artista, que só conseguiu gravar a primeira versão em 1985. Zé do Carço foi um líder comunitário do Morro do Pau da Bandeira em Vila Isabel, na zona Norte do Rio de Janeiro.

¹⁵ Simone de Beauvoir, filósofa feminista cunha essa frase no Livro Segundo Sexo, uma análise sobre o papel da mulher na sociedade. Nascer nos atribui existências, mas não essência. Ser mulher se faz na experiência.

Colégio Pedro II e hoje universitária, chamou de pilares pretos. (DIAS; BARBOSA, 2018)¹⁶

Acredito que o desafio more justamente na não territorialização dos corpos, dos gestos, dos gostos. O desafio ocupa uma linha tênue entre a agitação de uma utopia – para que não sejamos reféns dos ciclos e das derrotas – e um enjoo com a flacidez da práxis – uma auto declaração, frouxa, de revolucionário. O desafio reside em criar estratégias de sobrevivência nas lacunas, nas frestas. Acredito nas lideranças e em levantes marginais, cotidianos, que transitam e perfuram as vielas e multidões, que conversam e convergem as diferenças e o diferente. Acredito na ginga do discurso. No devir revolucionário como meio e fim.

Que ação política você propõe para mudar um futuro próximo?

¹⁶ BARBOSA, Luiz Guilherme; DIAS, Isabela. Escola-corredor: por uma poética da ocupação (a duas vozes). Revista MESA, ISSN: 2319-026, Nº 5, Dezembro 2018.

3.4 Fragmento Cartográfico 4 – Coreografia

Hay que endurecerse, pero sin perder a malemolência. O que nos move? O que te faz desejar mover, olhar para esquerda ou para direita? Caminhar é coreografar manhãs à margem das ruas e prédios? O que é uma coreografia? Escuto a escrita de Paulo Caldas para traçar linhas de fuga no processo de tessitura deste fragmento.

Outras coreografias emergem, no entanto, naqueles que – (re)posicionando seus corpos no espaço público e rompendo com os projetos coreográficos nele instituídos – perfazem outros, redesenhando os fluxos de movimento ora dançando, ora caminhando, ora parando, sentando-se ou mesmo amarrando-se nas manifestações que – coreopoliticamente (para referir, de novo, um termo de Lepecki) – frequentam os protestos urbanos no nosso tempo, entre passeatas, concentrações e, sobretudo, ocupações. De alguma maneira, poder-se-ia dizer que algum estatuto coreográfico necessariamente emerge de qualquer instauração de espaço, já agora concebido como dinâmico: trânsitos sociais compõem fluxos, vetores direcionais e velocidades que insinuam toda uma rítmica espacial. Daí que arquitetos e urbanistas possam fazer sua a resposta de Forsythe à pergunta feita pelo compositor Tom Willems sobre o que, nos ensaios, estava a fazer: “Nada, estamos apenas organizando corpos no espaço” 21 (FORSYTHE, 2003, s/p, tradução nossa). (CALDAS, 2016 p. 26.)

Paulo Caldas, neste texto *Coreo|Grafia*, nos apresenta um “pequeno inventário do uso do termo “coreografia” e suas derivações” (2016, p. 27), e nos confronta com delicadezas, modulações e fluxos. Centrifugar o (re)posicionamento evidenciado por Caldas aos levantes e **contracoreografias** de Lídia Larangeira¹⁷ para ruminar outros estados de dança. Larangeira emprega, em sua tese “*Coreografias e contracoreografias de levante: engajando dança, grafias e feminilidade*” o termo contracoreografia como estratégia de maquinação “a experimentações artísticas ligadas ao campo expandido da dança, que privilegiam espaços imbricados entre arte e vida” (2019, p. 48), a principal questão que salta aos olhos e aproxima meus desejos da escrita e

¹⁷ Lídia Larangeira foi minha professora na graduação em Dança na UFRJ. Nos encontramos poucas vezes compondo o binário “professora- aluna”, mas nos esbarramos incontáveis vezes pelos corredores da universidade e outras tantas vezes em manifestações, dançamos. Aproveito para mais uma vez desobedecer às normas e agradecer a Lídia, nessa breve nota, por sua tese. Por me encorajar e por fazer companhia, mesmo que a distância. Foi um prazer ler seu trabalho e um acalanto que concordemos tanto em tantas coisas. Obrigada.

percepções de Larangeira “Trata-se de práticas coletivas que buscam abrir-se para outras percepções poético-críticas da realidade cotidiana, do urbano e da cidade.” (2019. p. 48). Operar no contrafluxo e no coletivo, operar coreografias interessadas em produção de vida e não reprodução. Intuitivamente chamo de coreografia cotidiana o que Larangeira nomeia de contracoreografia. O desejo é misturar e desobedecer, reaprender a contar e a renomear os passos, reposicionar a bússola no chão das certezas.

Se perguntassem a você, leitor/a: O que é coreografia? Qual seria a sua primeira resposta? Aquela que vem dos pulmões, passa pela boca e pinga da sua língua para os ouvidos de quem pergunta, sem racionalização ou rebuscamento de palavras, sem uma postura analítica? Qual seria a resposta? Eu não sou capaz de responder prontamente. No imediato momento que te fiz a pergunta me contaminei pelo desejo da resposta correta. Fujo! Desvio o olhar para tentar descolar da ponta dos dedos as respostas formatadas, encaixotadas. Recorro à minha gaveta de guardados, que localizo na nuca, fricciono a pele entre o cabelo, sinto as vértebras com as pontas dos dedos pra tentar encontrar palavras que abram caminhos, mas não palavras que respondam. Procuo no corpo registros coreográficos. Encontro, ainda desviando o olhar e a atenção para não ser capturada pelo desejo da resposta certa, a imagem – não como conceito ou representação, mas como experiência – de uma corda que me salva da mediocridade, do marasmo da vida interiorana e ao mesmo tempo me atira ao caos. Sigo caminhando no meio-fio, me equilibrando entre a ação e a procrastinação, a urgência de produzir e a fenda abissal do tempo que engole as derivas.

Atrever-se ao desconhecido, ao incerto e impreciso, à circularidade das narrativas, ao questionamento que se desdobra em múltiplos, a desinstitucionalização do corpo é para mim, coreografar os dias. A capacidade de mudar a maneira de olhar o mundo, para ser possível mudar o mundo, é Arte. Muitas diferenças nos atravessam, qualquer todo é muito complexo.

Pare de ler. Observe um ponto no espaço em que está. Observe atentamente esse ponto. Caminhe até ele e agora olhe ao redor a partir de onde você está. Como você está? Em pé ou sentado? Gire a cabeça para a esquerda e caminhe dez passos em direção a outro lugar. Observe uma vez mais o espaço de onde você está. Não pare de ler. Vá caminhando até a cozinha e prepare um

café ou chá, para molhar as palavras. Escolha entre camomila ou cafeína, se preferir pegue apenas um copo d'água. Meu desejo é que me leve para passear pela sua casa ou por onde quer que me esteja lendo. Sugiro que me leve para conhecermos, juntos, um lugar onde você não costuma estar, nem costuma ler. Eu sei, eu sei que chegar até aqui é cansativo. Coloque uma música, sugiro uma cafona, que você não confessaria nem por decreto que aquela canção embala seus dias solitários de faxina ou escrita. Vamos dançar?

Olho pela janela da sala e vejo o sol de inverno brilhando as folhas do que sobrou da amendoeira. E você o que vê pela janela? Há um silêncio quase incômodo nas janelas e da cozinha vem um som de almoço de domingo, almoço quase janta. Preguiçoso e com cheiro de universitário que mora só. Os almoços de domingo na casa da minha mãe têm cheiro de tomilho fresco da macarronada e cebola caramelizada. Os almoços de domingo no 204 tem cheiro de salsicha com *sazón*. E você, como danças com os cheiros que te invadem? Tenho pensado ultimamente a diferença entre solidão e solitude, ainda não encontrei respostas, então caminho pelas ruas procurando outras camadas para estar comigo mesma. Podemos continuar nossa dança em outro cômodo? Acenda um cigarro ou um incenso, relaxe. Vamos para o chão, sentar e depois deitar. Pare de ler por um instante e vamos pensar juntos: Qual foi a última vez que você esteve consigo mesmo? Eu respondo através da nicotina, me matando um pouquinho a cada instante para poder sobreviver. Os pássaros cantam, mas não consigo identificar onde estão. Pela janela o som distante de crianças brincando inunda a casa. Um pequeno feixe de luz entra pela janela escancarada e o vento faz as folhas dançarem. Gosto da imagem que o som imprime na parede, mas não na minha pele. Caminho com a mesa um pouco para frente para fugir do calor do sol, pelo corredor uma música do Elvis surge, nós conhecemos pouco as pessoas quando não estamos dispostas a nos abrir. Não sabia que alguém na minha casa ouvia Elvis. Muitas coisas têm acontecido nos últimos dias, são muitos ciclos como o inverno e a primavera, mas tudo muito rápido. Não tenho dado tempo ao tempo das coisas. E você tem dançado com seus ciclos? Ouvir-se é, também, produzir arte. Que forças atravessam seu corpo?

Coreografar é produzir espaços de escolha, você pode ter escolhido dançar comigo ou não. O caminho se faz na caminhada. E isso não faz de você ou de mim mais ou menos artista, não é sobre juízo de valor. É apenas sobre

escolhas. Para encaminhar as efervescências em direção as contra prostas coreográficas, ao processo de descolonizar e desarticular o corpo até que se esqueça como contar sete, oito... Para então coreografar. Convoco Larangeiras, uma vez mais afim de conceituar minha intuição e para que suas palavras sejam gravadas no fundo do meu crânio e eu possa ler sempre que revirar os olhos até virar pó.

A coreopolítica seria a capacidade que a dança tem de se articular para produzir dissenso na cidade, possibilidade de afirmação de “uma outra vida, mais alegre, potente, humanizada e menos reprodutora de uma cinética insuportavelmente cansativa, se bem que agitada e com certeza espetacular”. Por outro lado, o termo coreopólicia vai chamar a atenção para uma figura existente dentro da coreopolítica - a polícia - sem a qual não se pode pensar a governabilidade moderna do urbano atual. A coreopólicia seria uma força ambígua que vai sustentar a cinética ininterrupta da subjetividade moderna coreografando os fluxos urbanos compulsórios, organizando a circulação dos espaços, mantendo a caminhada ininterrupta ao progresso. Vai também reprimir qualquer iniciativa de dissenso. (LARANGEIRA, 2019. p. 39)

Coreografia, aparece, então neste mapa como materialização do dissenso e produção de escolhas. Circulação contra hegemônica em um campo de disputas sociopolíticas e estéticas de um movimento de expansão e recolhimento no corpo-a-corpo.

3.5 Fragmento Cartográfico 5 – Sobre Ornitorrincos e seres da Floresta – Arquitetura e Desobediência

Sou graduada em dança pela UFRJ, sempre fui um corpo fora do padrão para dança, pouco me interessava os movimentos virtuosos que me diziam que eu não podia fazer, aliás, sempre me disseram o que eu podia ou não fazer, em que espaço eu poderia ou não circular com meu corpo gordo, de quadris largos. O curso de dança, na UFRJ, é instalado na Escola de Educação Física e Desportos – corpos apolíneos e discursos docilizantes fizeram parte do meu cotidiano por longos quatro anos – a partir dessa experiência, de ser um corpo fora do lugar, meu trabalho de conclusão de curso “Dossiê Ornitorrinco” trata da minha relação com o mundo a partir da imagem do meu corpo e de todos os corpos que me compõe – minha corporeidade – é um levantamento afetivo sobre arte, política, educação e corpo.

Em 2018, quando fui para o mestrado, não me senti menos Ornitorrinco, menos mamífero que bota ovos. Sigo deslocada e tentando encontrar um lugar que me caiba, mas não tenho certeza se quero caber em buracos pouco arejados e com cheiro de mofo.

Esses dois parágrafos não são uma biopoética indevida, é porque acredito que a desobediência e insistência em ser ornitorrinco, são dobras e camadas que me aproximam dos estudantes secundaristas. Uma proximidade gerada por um campo de ressonância de modos de operar no mundo que geram afetos multissensoriais que catalisam outro estado de corpo criando espaços entre. Nos atraímos, como quem flerta com o perigo. Sobre a complexidade de construir espaços. Convoco GUATTARI, em *Caosmose* (1992, p. 158) para orbitar junto, desdobrar e inventar mais um campo gravitacional de pensamento.

O alcance dos espaços construídos vai então bem além de suas estruturas visíveis e funcionais. São essencialmente máquinas, máquinas de sentido, de sensação, máquinas abstratas funcionando como “companheiro” anteriormente evocado, máquinas portadoras de universos incorporais que não são, todavia, Universais, mas que podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador quanto no de uma resingularização libertadora da subjetividade individual e coletiva. (GUATTARI. 1992, p. 158)

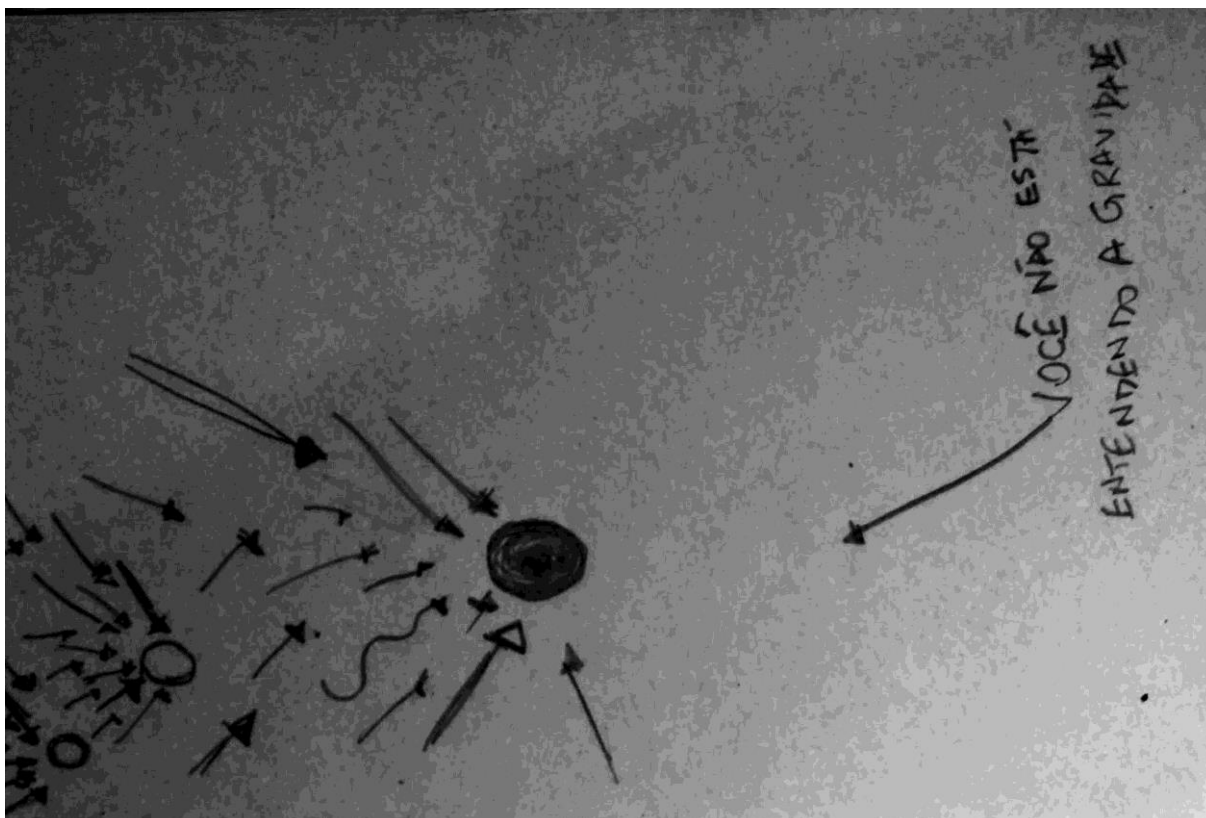


Figura 3 - Curvaturas no Espaço

Eu danço nos buracos, nas frestas. Sair de casa é como perder um membro. É como se de súbito seu antebraço fosse decepado. Para alguns o braço inteiro, para outros só o mindinho, mas partir é sempre decepar-se por escolha.

Eu, quando joguei o corpo no mundo perdi as duas pernas. Fiquei sem chão e tive de aprender a andar de outras maneiras. Aprendi a costurar pedaços de outros corpos ao meu para que caminhar ainda fosse possível. Meu corpo ainda cambaleante deriva costurando, colando nas partes outros membros que faltam e pedaços em excesso. Caminho e costuro braços aos meus quadris, costuro olhos a minha boca. Tenho mãos costuradas nas costas. Outro dia perdi o ar, roubei um umbigo e costurei ao esterno, já respiro melhor.

Sou esse corpo, costurado a outros corpos, outras partes. Quase como uma antropofagia compulsiva eu devoro corpos que passam por mim na caminhada e viro outro corpo a cada encontro.

Politicamente, aqui, me comprometo com uma escrita em primeira pessoa, singular, sem pretensão de criar códigos e/ou teorias universalizantes, mas uma produção de pensamento, uma escrita que desafia a escrita, alargando

minhas questões em densidades que trasbordam. Proponho o desafio metodológico de gerar conectividades e não conceitos.

Vou rascunhando minhas palavrinhas na plataforma branca, desenhando aos poucos meus rastros de dança e vez ou outra me encontro em palavras de outros corpos é preciso respirar e ouvir o mestre¹⁸ para seguir desafiando a gramática não só por teimosia, mas por desejo de infância

*Por viver muitos anos dentro do mato
moda ave
O menino pegou um olhar de pássaro —
Contraíu visão fontana.
Por forma que ele enxergava as coisas
por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra.
E tal.
As palavras eram livres de gramáticas e
podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era
só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela.
Como se fosse infância da língua. (BARROS, 2004. p. 425)*

À medida que caminho, me transformo e modifico meu olhar sobre as coisas e os corpos, pesquisar a palavra escrita como um portal para os bons encontros. Devorar cada letra, cada ponto. Alimentar-me de tudo que recebo como vômito. Ruminar. Engolir cada vírgula, acento por acento. Parar, para depois cuspir ideias europeias misturadas a minha saliva e ao meu cheiro dos trópicos, uma gosma de palavras ácidas que corroem o papel e o meu estômago, ao mesmo tempo. Operar na indisciplina como em Mombaça¹⁹

Princípio indisciplinar. Deslealdade à norma. Por uma postura, indisciplinada. Em favor da própria indisciplina que caracteriza o corpo, uma das principais linhas-de-força deste estudo. Como sugerem Helena Katz e Cristine Greiner (2004), para tratar do corpo, “não basta o esforço de colar conhecimentos buscados em disciplinas aqui e ali”

¹⁸ Manoel de Barros. Poeta brasileiro

¹⁹ Jota Mombaça (1991) é uma bicha não binária, nascida e criada no Nordeste do Brasil, que escreve, performa e faz estudos acadêmicos em torno das relações entre monstruosidade e humanidade, estudos kuir, giros descoloniais, interseccionalidade política, justiça anti-colonial, redistribuição da violência, ficção visionária e tensões entre ética, estética, arte e política nas produções de conhecimentos do sul-do-sul globalizado.

Fonte: <http://www.buala.org/pt/autor/jota-mombaca>

(p. 2). É próprio das disciplinas operar a partir de uma “coleção de objetos, métodos e regras que capacitem a construção de seus enunciados, cuja função será a de controlar a produção dos seus discursos” (p. 2); e o corpo, como definem as autoras, é ele mesmo um estado transitório, incessantemente redefinido em função dos encontros nos quais não cessa de engajar-se (encontro com os ambientes, com as informações, com os discursos...) (MOMBAÇA, 2016. p. 344)

Ressoo essas palavras na minha caixa torácica e danço. Te convido para um encontro com algumas coreografias que produzi nos últimos tempos, prometo não gastar muita areia da sua ampulheta. Serão apenas três imagens que coloco no mundo para desafiar o que acredito como movimento multidisciplinar de coreografia e inacabamentos. Mais adiante, entenderemos junto como essas coreografias são importantes para o trabalho. Elas aparecem aqui como um flash do que desejo coletivizar no processo de feitura de memórias.

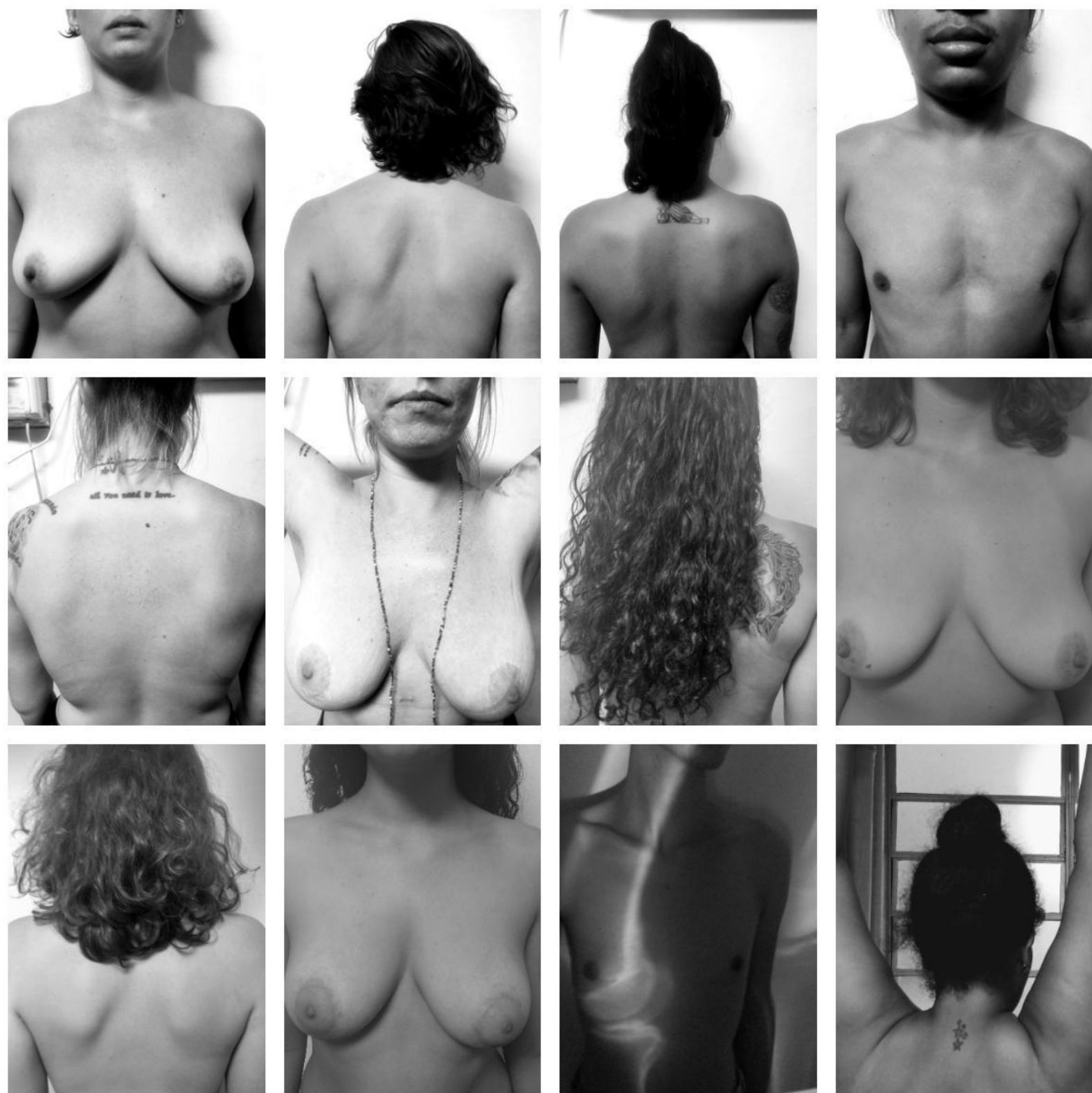


Figura 4 - Olhar em 3x4

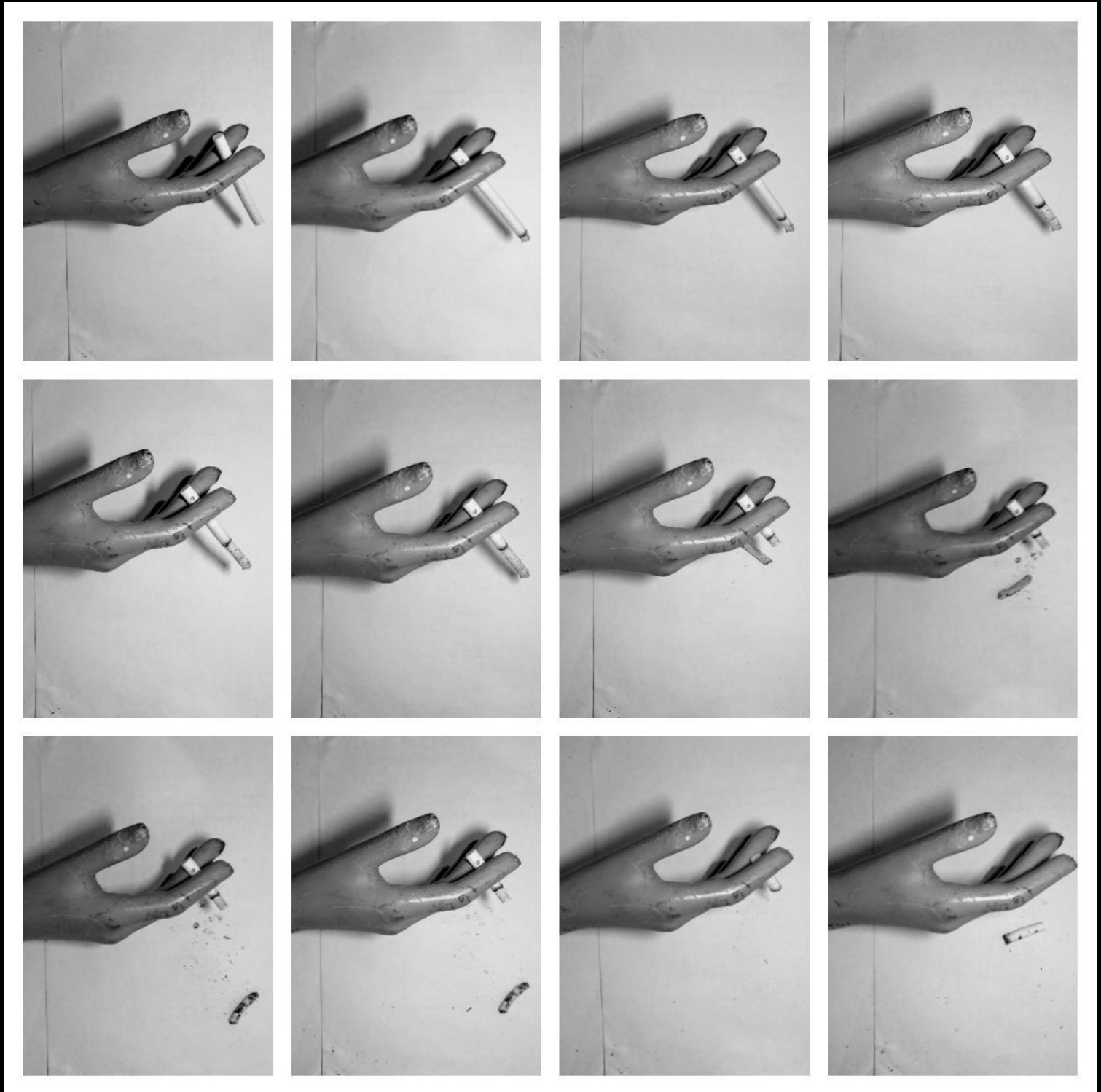


Figura 5 - AutoRetrato II



Figura 6 - Sobre_Posição II

3.6 Fragmento Cartográfico 6 – Corporeidade e Fissuras

Escrevo sobre o passado, tentado ajustar os tempos verbais e os espaços não mais habitados. Escrevo dois anos depois do fim das Ocupações, ocupando a janela do meu quarto no apartamento 204. Escrevo enquanto os números oficiais do ministério (sem ministro) da saúde contabilizam mais de setenta e cinco mil pessoas mortas pela COVID 19. Escrevo enquanto o luto paira sobre nossas cabeças desejosas de uma trégua, e me parece quase impossível que o tom das palavras não seja assim, um tanto quanto, mórbido. Surfamos o apocalipse e me parece que as perguntas agora se deslocam, completamente sem plano de voo, de um lado ao outro do caos. E agora? O que fazer? Como pensar arte em meio os escombros e destroços de um país sem presidente, sem perspectiva, sem animo, sem afeto... E agora? Somos um país com muitos “sens”, como isso nos aponta uma nova perspectiva para arte?

Escrevo sobre ocupações e com o caos borrando a rotina e certezas. O que desejo é propor uma articulação narrativa de levante à um processo de leitura e escrita destes eventos. As imagens caem, vagarosamente no esquecimento e o levante, suas dissonâncias e ressonâncias parecem cada vez mais distantes, como um som que ecoa no vácuo. Como se levantar quando respirar não parece mais possível? Que energia de luta deve ser engendradas agora?

Em meio ao caos e desordem, com as cinzas ainda aterrando sobre nossas cabeças, me debruço sobre o passado para pensar performatividades do presente, essas duas temporalidades que parecem orbitar em polos opostos, mas que esgarçam e friccionam os corpos em uma tentativa de resistir ao desaparecimento e ao desmonte.

A tentativa, neste momento, é elaborar um pensamento que me aproxime dos corpos e suas produções coletivas de desobediência. Não há pretensão de elaborar conceitos, mas criar tensão e espaços de escuta entre imagens e palavras.

Gabriel, estudante secundarista, participou da Ocupa Cairu²⁰, Colégio Estadual Visconde de Cairu no Méier, Zona norte do Rio. Nós não nos

²⁰Nois já tá fervendo': O Tsunami secundarista que se espalha pelo Brasil. Fonte: (<http://vaidape.com.br/2016/05/nois-ja-ta-fervendo-o-tsunami-secundarista-que-se-espalha-pelo-brasil/>) Acesso em: 25 de Setembro de 2018.

conhecemos, mas somos tão distantes quanto próximos e suas palavras reverberam em meu ouvido muito tempo depois. Palavras no coletivo, que brotam no corpo e se colocam no mundo com frescor de uma primavera utópica.

Queremos um futuro melhor, não só para a gente, mas para nossos irmãos mais novos, para os nossos filhos. Porque, para mim e para todos os alunos, o maior ato de rebeldia é você ser um aluno pobre, que veio de um colégio público e entrou em uma universidade federal. É isso que a gente tá correndo atrás e isso que queremos para todos os alunos.

Sigo persistindo e insistindo nessa luta coletiva, cartas sempre começam da esquerda para direita. Eu pensei em escrever uma carta para nós, mas as imagens espalhadas sobre a mesa junto às xícaras de café recantado são muitas, são imensas, me conduzem por uma perturbação que não dou conta de uma escrita epistolar, talvez uma narrativa de ficção nos contemple com mais amor e doçura. Eu tenho capacidade mental_motora de caminhar em direção ao amor? Nós temos? “Pra gente ter melhoria, tem que trabalhar. Pra gente ter vitória, tem que lutar. Não tem vitória sem luta.”²¹

Cartografo nossos desejos de encontro e escuta, enquanto sigo só ao som da minha própria voz e o ventilador que tanta espantar o calor. Ouço e reverbero
DIDI-HUBERMAN

É difícil revivificar os próprios sonhos, construir a partir do heterogêneo, desenvolver a arte de reinventar de outro modo a própria vida, até então mutilada. É por isso que engendramos levantes sem-fim. Sem-fim porque com muita frequência tudo se repete, tudo fracassa; tudo fracassa nas praias do conformismo ou contra as falésias dos serviços de ordem. O recomeçar, porém, também é sem-fim. *Sem-fim*: sem que jamais o objetivo final — o apaziguamento de tudo, a reconciliação obtida, o desejo *finalmente* satisfeito — seja alcançado. Mas também sem jamais deixar de reacender o desejo e, com ele, a coragem de desobedecer, a pulsão de inventar, a força de fazer diferente, a energia de não mais se assujeitar. Por essa inesgotável multiplicidade demonstrada pela história das sociedades humanas, os levantes, tomados em conjunto, formariam a grande arte política do *não finito*. Isso para explicar simultaneamente sua fragilidade constitutiva — ou constitucional: fragilidade de *se indefinir* em relação ao poder — e sua potência propriamente *infinita*. Potência de vulcões, de

²¹ Estudante Secundarista (sem identificação) Transcrição minha. Vídeo: #Ocupalirineu – Escola Estadual Irineu Marinho – Duque de Caxias – RJ.
Fonte: (<https://www.youtube.com/watch?v=5frolEyEQog&t=63s>) Acesso em: 26 de Setembro de 2018.

vagas gigantes, de poeiras em movimento, ou de furacões.
(DIDI-HUBERMAN, 2017)



Figura 7 - #OcupaAmaro - Registro: Núcleo de Pesquisa, Estudos e Encontros em Dança da UFRJ.²²

Sobre a experiência de limpar o chão, roçar as sensações e contracoreografar junto aos estudantes da #OcupaAmaro Larangeira nos indica o testemunho de um levante de ideias.

Contracoreografando a pressuposição da desigualdade de habilidades e inteligências herdadas pela lógica do maitre de balé - professor que sabe e aluno que deve aprender aquilo que o mestre quiser ensinar, a limpeza envolve um saber corporal comum - o ato de limpar o chão - ao criar um corpo coletivo que formula e pensa os engajamentos de poder de cada espaço. Nesse sentido, limpar coletivamente é contracoreografar também as relações de apagamento raciais vigentes na hierarquia de cada espaço, causar estranhamento e provocar reflexão sobre esses poderes. (LARANGEIRA, 2019. p. 118)

²² OcupAmaro em “Ocupações afetivas” Núcleo de Pesquisa, Estudos e Encontros em Dança.

Talvez de tudo o que eu escrevi aqui, 5% seja verdade e o resto é invenção. Quem saberá? Não é esse o trabalho do artista, criar mundos para criar outros pontos de vista que criam outros mundos, cada vez é um novo espaço de atenção, de escuta. Não é esse o nosso ofício? Ou serão esses nossos ossos? Quem saberá?

4. Cartas Espirais

O Experimental pode retornar nunca reviver.
Hélio Oiticica

Esses experimentos são um esforço para fundar uma documentação alicerçada nas memórias e nos afetos, contra o apagamento historiográfico das ocupações secundaristas e dos corpos que levantaram esse movimento, criar rastros e deixar vestígios mobilizando fragmentos acessíveis da experiência de Ocupar no desejo de abrir a possibilidade de criação de memórias coletivas.

Experimento 1: Ler o texto (que começa em: “Estou parada nessa página há dias) em diferentes partes da casa, em diferentes posições do corpo no espaço, em movimento e parada, deitada, sentada, de cabeça para baixo. Com a luz do sol ou com baixa luminosidade. Experimentar entrar em contato com essas palavras em diferentes situações pela casa. Enquanto lê, se conectar com as memórias do *Ocupa* e com seus desejos de futuro. Escolher um cômodo da casa, colocar um cronometro para marcar cinco minutos e quando o tempo começar a contar começar a escrever, continuando o texto. É importante que a escrita não seja interrompida e que nenhum pensamento seja deixado de fora. Todo movimento-pensamento será bem-vindo e bem dito. Quando soar o fim do tempo parar a escrita onde estiver.

CARTA ESPIRAL 1 – Nathalia e Mariana²³ e Laura²⁴

Estou parada nessa página há dias. O cursor pisca, o coração descompassa, as mãos suam e eu não saio desta mesma página.

Recorro as anotações em folhas amarelas e canetas coloridas, as vezes eu acho que penso melhor usando lápis e caneta, mas nada sai, parece que tá entalado, como diria o povo da minha terra “*tá de rosca*”. Tomo chá de camomila,

²³ Mariana Cordeiro é estudante de Produção Cultural da UFF, Contribuiu em 2016 para a construção da Ocupação do Colégio Pedro II da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro. Mariana aceitou generosamente meu convite para socializar suas experiências nas Ocupações. Estamos construindo juntas os experimentos dessa dissertação. Obrigada, Mariana.

²⁴ Laura Viana é Estudante de Pedagogia na UERJ, contribuiu em 2016 para a construção das Ocupas do C.E. Visconde de Cairu, C.E. Central do Brasil, C.E. Amaro Cavalcanti, CP2 do Humaitá e São Cristóvão, Metropolitana III, SEEDUC, IFCS e UERJ. Obrigada, Laura pela generosa contribuição na construção dessa dissertação.

acendo um Palo Santo, caminho pela casa, sento na varanda, acaricio o cachorro que nem gosta tanto assim de mim, perco as contas de quantas vezes atualizo a página do *instagram*, tomo mais um chá e depois um café. Coloco uma música para astralizar, danço para desopilar. Mais um café para acordar, ligar a TV para distrair, desligar para focar, desligar a internet para parar de fofocar no *whatsapp* e em trinta minutos começa uma *live* do Criolo e em vinte começa o Seminário de Consciência Corporal. Ainda tem a apostila do curso de saboaria natural e aroma terapia.

O sol já está indo embora outra vez e eu continuo aqui, na mesma página em branco. Esse capítulo já foi tanta coisa e agora é só um título em negrito em uma folha em branco me olhando, cobrando de mim uma organização, uma aproximação, um debruçar longo e firme. Como quando você deita no chão, relaxa, mas não abandona o corpo no chão, um repouso ativo. Essas palavras são um passo para encontrar pontos de atenção, tensão e intensão no espaço e é por aqui, neste primeiro passo enquanto os pés empurram o chão para ganhar verticalidade e caminhar, que vou começar a mapear e ativar nossas memórias em meio às fissuras pandêmicas. Como é ocupar a rua? Como é ocupar a escola? Como é ocupar sua casa? Como é ocupar seus olhos, seus ombros? Como é ocupar-se? Qual é a arquitetura corporal construída em cada um desses espaços? O dedo em riste da rua é o mesmo da faxina não feita?

Desobedecer a verticalidade, inverter, espiralar cambalhotar ... ventre-chão pulmão-chão suvaco-chão nuca-chão.

Você pode continuar essa escrita comigo?

E mais uma vez tento me concentrar para terminar ou apenas começar algo nesse dia, dificuldade da quarentena ou apenas do cansaço de ocupar mais um dia esse mesmo corpo? Com tantas memórias, questionamentos, receios, traumas... tento mais uma vez deixar esses pensamentos para trás para focar nos objetivos e sonhos. Mas será que consigo a força necessária para isso? Tento esquecer as angústias, mas elas parecem vir do mesmo lugar em que eu encontro força. Lembro da infância. De voltar da escola arrastando os dedos pelos portões e escutar um “cuidado o cachorro pode pegar sua mão”, mas a teimosia sempre foi grande, e como veio a acontecer outras vezes apenas olhei com aquele olhar questionador, mas decidi parar.

Não gostava de me sentir exposta, mas o sentimento continua o mesmo...

Mais uma vez me sentindo vulnerável. Permitir sentir, em um lugar lotado, mas que ninguém percebe, ou no meu quarto e em lugares que me sinto segura, ou no meio de uma assembleia onde estou no meio de diferentes ideias que talvez nem me atinjam, mas mesmo assim me sinto vulnerável.

Enquanto tento achar forças para começar ou terminar algo mais uma vez. Será que alguém percebe?

Ocupar instituições públicas, ocupar a própria casa e a si próprio não são coisas tão distintas. Ambas causam angústias, medos e incertezas. Mas ambas também nos trazem reflexões, alegrias e conquistas. Partindo do princípio que todos os nossos atos são políticos, em todas as situações precisamos estar atentos, ter empatia e nos desconstruirmos constantemente. Sei que cada ato meu reflete nas pessoas que estão ao meu redor e os atos delas também refletem em mim. A vida é uma troca e temos sempre que nos perguntar o que estamos oferecendo e qual a nossa parte nesse processo. Viu, como nada é tão distinto assim? Nas ocupações eu cuidava do espaço em que estava, trocava informações e aprendia diariamente com todos que ali estavam. O que essa experiência se difere da minha casa e de mim mesma? Mas tem algo que preciso fazer mais, nem tudo aqui dentro está tão organizado, nem sempre consigo me posicionar a respeito dos meus pensamentos tão bem quanto fazia em 2016 e tão bem quanto me posiciono a respeito da minha filha por exemplo. Sinto que a vida é um eterno processo de reivindicações, sejam elas políticas, sejam elas por necessidades, sejam elas por amor ou qualquer outra coisa. Afinal, a vida e o viver de modo geral é direito nosso, não é mesmo?

Na época das ocupações eu estava no terceiro ano do ensino médio. Ocupei o C.E. Visconde de Cairu, C.E. Central do Brasil, C.E. Amaro Cavalcanti, CP2 do Humaitá e São Cristóvão, Metropolitana III, SEEDUC, IFCS e UERJ.

Quando o Mendes (primeira escola ocupada) ocupou, sempre chegava até nós algumas informações, principalmente a respeito do desocupa, mas ainda era uma realidade distante. Até que o C.E. Visconde de Cairu, que é uma escola que fica atrás da que eu estudei, começou a se organizar e organizar rodas de conversa e assembleias já pensando na possibilidade de ocupar. E eu e mais algumas pessoas da minha escola frequentamos e observamos todo esse processo, inclusive ajudamos no dia da ocupação, e tendo já uma base e uma noção de como funcionava, decidimos ocupar também. E eles nos ajudaram muito no início, pois não tínhamos refeitório e nem tínhamos comprado um fogão, então cozinávamos na cozinha deles. No primeiro dia de ocupação a comida foi feita por eles e um professor foi comigo de carro para buscarmos

Assim como a maioria (se não todas) das escolas, nos organizamos em comissões, mas não era algo restrito, todos podiam fazer parte de qualquer uma em qualquer momento e também de acordo com as necessidades. Tínhamos as seguintes comissões: comunicação, que era a parte de dar entrevistas, ir a reuniões, negociações, etc., segurança, que era a respeito de abrir o portão, anotar os nomes de quem entrava e saía e também fazer a ronda de madrugada, e a comissão de cozinha. Mas como eu disse, todos fizeram de tudo em algum momento. Nós também organizávamos aulões, debates, saraus, rodas de jongo, e tivemos até um show de rock que virou matéria de jornal.

Laura Viana

Então vou falar mais ou menos como se deu a ocupação lá do Pedro II da Tijuca que é onde a gente estudava. Se eu fugir muito, você pode me interromper, porque assim: eu viajo. Então eu estudo no Pedro II desde 2012 e a ocupação aconteceu em 2016, no final de 2016, eu estava no primeiro ano do ensino médio. A Ocupação dos Colégios Federais foi mais para o final do ano do que para o início, enfim várias diferenças. Foi quando anunciaram a PEC*. E no final do Ano a PL, não vou me lembrar agora o número**, mas enfim. Foi uma reunião que teve com os alunos. O Grêmio passou nas turmas, eu não fazia parte do Grêmio e eles decidiram em uma reunião (pela ocupação). Depois dessa reunião a gente já tinha ocupado o Colégio. Então a reunião foi 12h/ 12h30min. 13h o Colégio já estava Ocupado. Eles passaram as informações, a forma que acontecia tudo e foi feito uma votação, se eu não me engano era uma sexta feira, se começava na segunda feira. Tinham algumas opções, mas a decisão foi para que começasse naquele exato momento.

Então Algumas pessoas foram pedir dinheiro na rua para poder começar a comprar as coisas, porque muitas coisas que tinham no colégio a gente poderia usar, mas outras nós teríamos que comprar porque seria uma dinâmica completamente diferente. As pessoas iriam dormir na escola, quem iria poder dormir na escola? Porque os alunos que podem, eram os alunos do terceiro ano (ensino médio) preocupados com vestibular, porque foi em Outubro. Tínhamos a questão do vestibular, a questão dos alunos mais novos “Como iria fazer?” e tudo se deu meio que dessa forma. Particularmente, eu não dormia na escola, então normalmente eu ia de manhã cedo e ficava até umas 18h/19h e a gente dividiu em comissões. Eu fazia parte da comissão que organizava a questão mais cultural, as atividades. Era difícil, porque acabava que as pessoas... Principalmente no início e no final. No início porque a gente não estava habituada aquilo, as pessoas do Grêmio estavam mais, mas assim... ter algo para fazer todos os dias para ter pessoas no colégio e no final porque tinham pouquíssimas pessoas [desgasta, não é?] Nós ficamos muito tempo, nós ocupamos o colégio até o meio de janeiro. Passamos Natal e Ano Novo ocupando. Então no final, já ninguém aguentava mais, as pessoas que aguentavam já não tinha mais o que fazer porque o colégio estava vazio, mas a gente quis espera a última votação da PEC para decidir o que fazer. Tudo era decidido “A gente vai ficar mais tempo?” Todas as decisões se davam por meio das reuniões. Todos os dias tinha uma assembleia, a gente se juntava e via: Dá? Não dá? Então o que vamos fazer?

Isso que você falou de como essas ocupações se constroem até hoje é uma coisa meio difícil de saber, porque eu me formei já tem dois anos e as pessoas que estavam mais ativas estavam no ensino médio. Como eu estava no primeiro ano (em 2016), meio que se encerrou em 2018. Só que tinham algumas pessoas, mais novas, tinham crianças do sexto ano que participavam eram super ativas , iam todos os dias e tinha também umas garotas do oitavo ano e que hoje estão no terceiro. Então, se dava, também, de uma forma diferente, porque eram pessoas mais novas, eram pessoas que estavam no colégio porque tinham atividades voltadas para o sexto e sétimo anos e muita coisa voltada, também, para o terceiro ano, por causa do ENEM, então basicamente, eram essas pessoas: primeiro, segundo e terceiro ano, algumas pessoas do sexto, sétimo e oitavo era a maioria das pessoas e foi mais ou menos dessa forma que se construiu.

Mariana Cordeiro.

Cartas Espirais são laboratórios de práticas coletivas para ativação de memória pelo corpo. O pensamento acerca destes laboratórios tem sido formulado, repensado e reconfigurado à medida que me aproximo e me afasto de pessoas, objetos teórico_práticos e desejos.

Como traduzir em propostas as novas maneiras de exercer a potência, de fazer valer o desejo, de expressar a libido coletiva, de driblar as hierarquias, de fazer circular o discurso sem ficar à mercê da lógica da representação, de redesenhar a escola, de fazer ruptura, dissenso? (PELBART, 2016)²⁵

Como Pelbart? Tem sido um movimento em círculo de pensar, repensar, tomar cafés, desistir, perseverar, insistir, reconfigurar, rodar um tanto mais em volta do rabo, expandir e recolher o pensamento na tentativa de construir uma estrutura de encontros que propicie a criação coletiva de uma dança experimental, uma coreografia do cotidiano, encontrar novos modos de estar e mover juntos. Com variação nos níveis de proximidade e afastamento, profundidade e superfícies. Um jogo exercício de nutrir encontros e forças.

De pessoa para pessoa, um diálogo corporal improvisado pode se espalhar como uma criação em cadeia como se fosse um conjunto biológico, ou o que eu poderia chamar de "crepactice"... uma busca pelo que podemos chamar de um ritual biológico, no qual as relações interpessoais enriqueceriam um ao outro e estabeleceriam uma comunicação realmente crescente em um nível aberto... uma prática interpessoal...o contato entre você e eu.- (OITICICA, 1969, p.6-7)

Jogar é recriar regras, estabeleço agora uma camada de relação com o mundo que produz e se reproduz na estranheza de estar junto a distância. O experimento 2 é um ritual coletivo de criação de forças que atravessam o corpo, suas bordas, contornos e contenções. Algo entre a Rigidez do Mineral e a decomposição da fumaça; tudo é vínculo, transição e passagem; algo entre a árvore e o caos. Micro percepções do que há entre mim e o outro, num espaço

²⁵ Tudo o que muda com os secundaristas. Carta aberta aos estudantes Secundaristas, escrito pelo professor e filósofo Peter Pál Pelbart. Foi lida no Colégio Fernão Dias Paes, em 28 de abril de 2016, durante debate público em torno do tema da Ética. Publicado em *Outras Palavras* em 13/05/2016. <https://outraspalavras.net/sem-categoria/pelbart-tudo-o-que-muda-com-os-secundaristas/>. Acesso em 22/11/2020.

de osmose mediada pela tela do computador. Uma imagem para cada fragmento cartográfico, para cada imagem escolhida uma legenda, para cada conjunto de imagens+legenda um diagrama construído coletivamente em um laboratório virtual de aproximação.

Experimento II – Imagem_Memória

Movimento 1. Vasculhando seus arquivos fotográficos escolher uma imagem para cada uma dessas palavras: Corpo, Rachadura, Coletivo e resistência. Para cada uma dessas imagens_memória criar uma legenda de até 30 palavras.

Movimento 2. Vasculhar arquivos de jornal, revista, sites de notícias, blogs... três imagens públicas de violência do Estado. Uma imagem de 2013, uma de 2016 e uma 2020. Criar para cada uma dessas imagens uma legenda de até 30 palavras.

Movimento 3. Criar uma relação entre essas sete imagens+ legendas. Aproximando, distanciando, friccionando ou repelindo uma da outra. Criar um mapa de imagens, palavras e memórias.

Movimento 4. Escrever um texto sobre a experiência de revirar as memórias. Sensações, lembranças, desejos... me conte também, por favor como você escolheu ritualizar essa procura. Em que lugar você estava, o cheiro desse lugar, os gostos, temperatura... tudo e qualquer coisa que você quiser me contar eu vou querer ouvir.

Observação 1: As imagens não precisam ser representativas e/ ou ilustrar as palavras. É importante que seja um movimento de aproximação de como cada palavra chega até você e como as imagens vão aparecendo.

Observação 2: As legendas também não precisam ser descritivas e/ ou informativas. Legende como desejar para contar essa história. São até 30 palavras, mas se quiser escrever apenas uma também tá valendo, ok?

Observação 3: Este experimento é um convite para revirar e reorganizar seu relicário pessoal. Sugiro que faça um café ou um chá, talvez uma bebida gelada para acompanhar. Coloque uma boa música, ascenda um incenso se quiser. Reserve algum tempo para ritualizar essa experiência e se puder e quiser

compartilhar comigo esse momento, me mande uma foto ou vídeo do seu ritual de vasculhamento e ativação de memória.

Observação 4: Você pode enviar as imagens_textos pelo word. Ou enviar as imagens anexadas no email e o texto em word, mas com alguma marcação para que eu possa identificar qual legenda compõe cada imagem.

As páginas que seguem neste capítulo são o resultado de encontros virtuais com Laura e Mariana vasculhando memórias a partir dos protocolos estabelecidos e descritos no experimento II. Foi um trabalho de encontros, escavações e desencontros, muitas mensagens de whatsapp, alguns e-mails e vídeo chamadas, que compartilho com vocês alguns trechos de nossas conversas. Espero que a leitura seja tão prazerosa quanto a experiência de construir e articular esses laboratórios. Obrigada Laura e Mariana pela partilha e por generosamente aceitarem experimentar o experimental comigo.

Este trabalho não se encerra aqui, o desejo que estes experimentos se multipliquem, que possamos com lima chama acender outras dezenas de velas, apesar da dificuldade de se ascender velas no espaço. O que compartilho com vocês é o início dos inacabamentos.

Imagem_Memória Laura



Dia da reocupação da escola. Corpos sendo utilizados como escudo pois era o que tínhamos, para não levarem nosso amigo preso.



Estado da escola antes da ocupação... E há quem diga que não tínhamos motivo para tanto.



Fruto da coletividade, muitos ali nem se falavam, mas comemoramos juntos a conquista do refeitório. Foto do dia da inauguração.



Foto do dia que desocupamos a SEEDUC, a alegria de não ter saído de forma agressiva como foi na vez anterior e de termos ficado 25 dias.



Que perigo essa senhora oferece?



Neste dia esse meu colega de escola foi atirado por cima da grade por pms, teve a cabeça aberta e foi ameaçado com arma de fogo.



E esse jovem? Que ameaça ele oferece ao portar... Chinelos?

Cada uma dessas imagens nos prova e nos mostra que lutar por melhorias, igualdade de direitos e pela vida, é crime, independente de quem está governando. Mas também nos mostra que através da luta coletiva e da resistência, podemos caminhar e fazer algo para que futuras gerações possam ter referências e também proveitos, assim como lá atrás alguém se arriscou por nós.

Fiz essas atividades no meu quarto, com o barulho do ventilador e muito calor. Quanto mais as lembranças vinham, mais calor eu sentia. É sempre uma experiência incrível reviver esses momentos, me fazem acender novamente e lembrar o quão forte eu fui um dia e que a vida é uma constante luta que não pode ser abandonada. Foram incontáveis perrengues e alegrias. Cada foto um sorriso que eu abri ou uma angústia que me fez beber alguns goles de água. Mas de modo geral me fez muito bem e me distraiu. É bom sempre estar recordando que nada do que eu fiz foi em vão e também lembrar de que ainda tem muita coisa pela frente até o dia do último suspiro.

Imagem_Memória Mariana



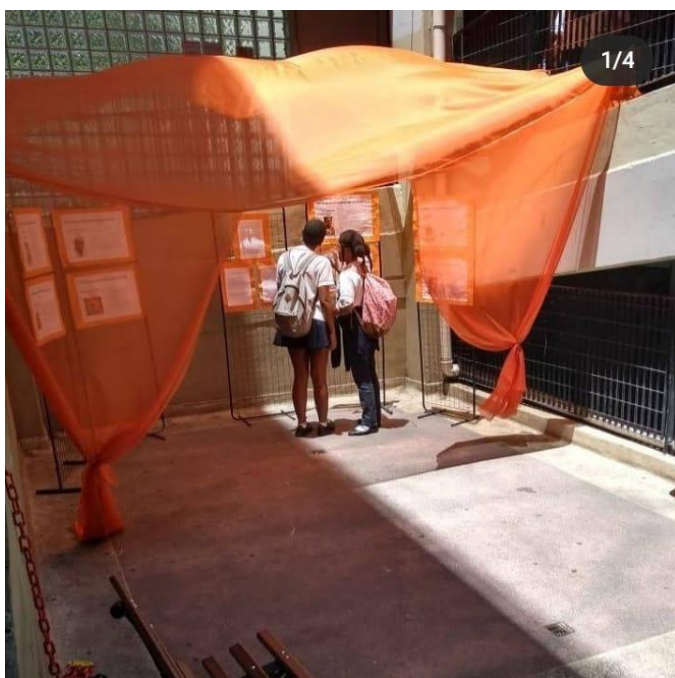
corpo: Dançando um sambinha ou um forrozinho com meu avô na véspera do meu aniversário e do natal. Uma das pessoas mais fortes, amorosas, sentimentais e um dos sorrisos mais lindos que eu conheço.



rachadura: Eu e Francisca, fazendo brincadeiras como sempre. Saber que ela está quase se formando agora me traz um sentimento de encerramento de ciclo/rachadura, porque ela é uma das únicas pessoas que tenho uma amizade tão grande que ainda estavam no colégio.



coletivo: Grupo de ic que participei como voluntária após me formar, em uma oficina que ministramos do jogo Senet. Sou extremamente grata por cada troca que tivemos, amizade que surgiu ao meio de uma escola e grade curricular tão elitista e eurocêntrica.



resistência: Conversa super significativa com a Viviane sobre a exposição no pátio da escola sobre as escritoras negras e suas histórias, rede de resistência, conexão e aprendizado com o Projeto de Mulheres Negras e Literatura, resistência com as mais no



Invasão do Batalhão de Choque da PMERJ na Aldeia Marakanã. Resquícios da colonização, do epistemicídio em 2013. Fonte: Diário da liberdade (2013)



Invasão da PM na ocupação secundarista no Centro Paula Souza, tentativa de opressão pela exposição de ideias contra o governo. Fonte: Jornalistas Livres (2016).



Invasão a favelas no Rio de Janeiro em 2020, após o recorde em 2019 de mortes pela Polícia Militar. Fonte: Folha de São Paulo (2020)

Por trás das imagens selecionadas podemos perceber a história, ações e momentos de resistência de grupos que há anos recorrem por diversos meios a resistência de suas histórias, culturas e exigem direitos básicos. Mas o que as diferenciam são como as ações são feitas, consequente pelo momento em que cada uma das fotos foi retiradas.

As do movimento 1 são momentos dentro de escolas onde a conversa, o ensinamento e a troca de histórias e culturas ancestrais e contemporâneas são a base essencial para o existir de muitos de nós. São as possibilidades de aprender em conjunto e repassar o conhecimento para outras pessoas, que escutam com os olhos brilhando saberes do antigo Egito. E conversas sobre as escritoras negras com uma estudante de 12 anos que se vê nas fotos e histórias, que resultam hoje em dia em abraços e um carinho imenso. São os olhos puxadinhos na janela, entre brincadeiras entre amigas e amigos que mostram como uma tarde cheia de troca acende os sentimentos mais lindos entre jovens que muitas vezes nem possuem motivo para tal. É o abraço do meu avô com 79 anos, na época, e a dança faltando poucos minutos para meu aniversário de 19 anos enquanto cantávamos músicas antigas e entre as cantadas pela Mariene de Castro.

Já no movimento 2 é o outro olhar da luta, é a resistência a partir do combate direto com o Estado Genocida, que em todos os momentos tenta silenciar e acabar com os movimentos populares. Projeto de epistemicídio que completa mais de 500 anos contra os povos indígenas, a resistência contra os projetos de extermínio nas favelas, o embate contra os estudantes secundaristas lutando contra projetos de leis absurdos.

Comecei a escrever em uma sala que dava para ver o mar, de longe por causa da lua cheia já que já era de noite. Sentei perto do meu pai e comecei a procurar as fotos enquanto ele via jornal, e eu atrapalhava ele enquanto mostrava algumas fotos engraçadas que nem lembrava de ter em meu celular. E escrevi a outra parte enquanto minha mãe e meu irmão me perguntavam diversas coisas, enquanto eu estava escutando músicas que eu ouvia indo para a escola

Foi incrível lembrar momentos e sensações que eu nem lembrava que tinha vivenciado, muitas vezes o coração ficava quentinho cheio de sensações lindas e emocionantes. Em outras os olhos marejavam da saudade que eu sinto

de todas essas pessoas e momentos, de poder abraçá-las e trocar afeto, ver os sorrisos sem máscaras e de poder criar novas memórias, que não atravessem a pandemia de alguma forma.

Era exatamente o que eu estava precisando, em meio de tantos sentimentos ruins e ansiedades, saber que tenho tantas pessoas que eu amo, e o quanto eu sou amada por elas, as possibilidades e lugares que eu cheguei, e o quanto é possível aprender e conhecer pessoas e histórias novas e ser grata pela minha vida e das outras pessoas. Muito obrigada por isso, foi essencial para aguentar esse momento!

5. Endereçamentos Pós-Mutação

Na terceira e última sessão deste trabalho convoco algumas companheiras de profissão e de vida para tecermos juntas auto_fabulações de futuro. Passamos, juntas, pela maioria dos marcos históricos de luta, manifestação e indignação que trago a superfície nesta (contra)coreografia espiral. Isabela, Laura, Thais e eu temos exercitado há um tempo as contrações e fricções de estar juntas e em 2020, juntas a distância inscrevemos nas próximas folhas nossos desejos.

Rio de Janeiro, abril de 2020

Hoje meus fluidos são fumaça, risco no calendário o quadragésimo quarto dia de isolamento social. Acordei em um dia cinza de outono em que leio silêncios perturbadores. Meus líquidos corporais estão solidificando aos poucos na medida em que as horas avançam lentas e mofadas. Tenho fumado muito nos últimos dias. Durmo tóxica e acordo cinza, com a respiração curta, penso nos fluidos sexuais em nódulos presos ao meu sexo. No meu útero mora uma dor densa que paira como nuvem prestes a chover. Só trovejo, nem uma chuvinha flui por mim. Ando seca de lágrimas e palavras boas. Os buracos todos de mim estão obstruídos pela fumaça que inspiro, respiro e não transpiro. Os minutos passam lentos, áridos, sem fluxo. Pela janela do meu quarto vejo as mesmas janelas sempre fechadas, uma delas tem um papel brilhante cobrindo todo o vidro, fico imaginando quem mora naquela janela, será quem como eu, não gostam de sol. Será que o vizinho da frente sente falta, como nós, de caminhar tranquilamente até um bar, sentar e pedir uma cerveja gelada e observar o movimento das ruas e calçadas. Ou será que o vizinho sente falta de correr até o ponto de ônibus em uma segunda de manhã. Do que você sente falta da rua?

Sigo seca, na expectativa de umedecer as palavras, o sexo, expectativa de transar a vida. Mas interrompo o coito, chuto o balde e acendo outro cigarro. Amanheço fumaça e durmo insatisfação. Interrompo compulsivamente meus fluxos e fluídos. Tampouco os buracos para que nada chegue e o que acumulei não saia. Quero corpos, mas sem palavras, cansei de ouvir. Quero cabeça como acessório, possível de interrupções e justificativas pra solidão envolta em fumaça

com cheiro artificial de menta que rasga os pulmões em tosses expectorantes de palavras presas.

Manter-se vivo na cidade maravilhosa é diariamente contrariar as estatísticas; é sentir o medo subir do asfalto e passar quente pela pele até chegar ao estômago em um enjoo rápido que faz gelar cada vértebra. Manter-se vivo para contar quantas vezes se morre por dia nessa cidade. Pensei e te contar um pouco de como tenho observado os movimentos de ocupação desde 2013. No início da década éramos convocados e convocávamos todos para ir para a rua. Ocupar os espaços públicos em manifestações, não, surpreendentemente coreografados pela polícia. Esse foi o ano que aportei em terras cariocas e o fascínio por viver um momento histórico do país me levou para a rua. Fazemos história enquanto vivemos com ela, não é? Foi nesse ano que desenvolvi habilidades de atletismos, nunca corri tanto da polícia, e suspeito que você também. Rafael Braga não recebeu o mesmo roteiro coreográfico que eu ou você e todos e todas outras pessoas que ocupavam as principais ruas do País. Rafael ocupava outros roteiros e foi preso por porte de desinfetante. Acho que foi aqui que o carrinho da montanha russa descarrilhou, mas a gente percebeu pouco e seguiu correndo, meio sem saber para onde, mas tentando proteger as narinas e pulmões do gás lacrimogênio. Eu tive medo, recuei. Tive medo de ser pisoteada pelo gigante que àquela hora já estava acordado e não dava indícios de sonolência. Eu recuei.

Em 2016, uma nova onda de manifestações, greves, ocupações e palavras de ordem, bandeiras tremulantes. E aqui, me parece importante pontuar, as ruas eram ocupadas, mas de maneira secundária, o barato era tomar para si o que é direito fundamental: Educação. Um movimento, no país inteiro, liderado por estudantes do ensino médio que tomava para si a responsabilidade de assumir o espaço físico das escolas. Sobre o movimento de ocupação que se expande e contagia, multiplica e reascende a potência dos desejos o filósofo Pelbart²⁶ escreveu em sua carta aberta²⁷ aos estuantes secundaristas que ocuparam suas escolas.

²⁶ Peter Pál Pelbart é professor titular de filosofia da PUC-SP.

Eu diria, sem titubear, que esse movimento destampou a imaginação política em nosso País. A coragem e a inteligência com que essa luta foi conduzida, a maneira democrática e autogestiva com que sustentou-se, as formas de mobilização e comunicação que aqui se inventaram, o modo em que soube suscitar diálogo e conexão com as diversas forças da sociedade civil, a maneira autônoma que demonstrou ao longo de todo o trajeto, merecem nossa mais viva admiração e aplauso. Entretanto, mais do que isso, constituíram para todos nós uma verdadeira aula de ética e de política. Se nossos políticos aprendessem um por cento do que aqui se ensinou, nosso País seria outro. Como se dizia na época, enquanto as crianças se comportavam como verdadeiros políticos, os políticos conduziam-se como crianças. (PELBART, 2016)

Habitar, fisicamente e afetivamente os corredores, carteiras, lousas, cozinhas, descobrir novas escolas possíveis dentro do mesmo prédio cinza, que carrega nas paredes a violência da formatação para o trabalho e para o sucesso no trabalho; é por essa coreografia que hoje eu escrevo. É por via dela que entendo e encaro meu desejo de pensar arte e política.

Aos olhos de nossos gestores políticos, a resistência dos secundaristas não passava de uma reação passageira, de um estorvo a ser rapidamente removido, uma insanidade juvenil. Mas de repente, inverteu-se a equação – insanidade era o que apareceu aos olhos de todos, da prepotência surda do secretário de Educação à barbárie fascista da polícia militar, protegida pelo Secretário de Segurança, e que se abateu sobre o corpo das crianças e jovens de maneira intolerável, fora ou dentro das escolas.

Eu queria insistir nesse aspecto tão importante, a meu ver – um acontecimento como o do ano passado, com seu cortejo de arbítrio, violência, abuso, mas também de mobilização, iniciativa, afirmação, representou um corte abrupto na percepção social sobre o ensino, a escola, a polícia, o Estado, o poder, o desejo. Essa ruptura, essa reviravolta e o seu efeito significam o seguinte: o que até então era a trivialidade cotidiana, de repente torna-se intolerável. (PELBART, 2016)

Abrem-se as cortinas e nós todos juntos executamos um *Grand Pas de Chat*, e o que encontramos ao aterrissar do salto é areia movediça. Te parece um bom roteiro de dança para 2020? Quatro anos depois das ocupações secundaristas, depois do Golpe. Dançamos em areia movediça, e quanto mais nos mexemos, mais afundamos. O mundo inteiro está em isolamento social, os líderes religiosos, os místicos, cartomantes e mesmo os incrédulos e agnósticos estão em isolamento. Advogados, garçons, artistas, vendedores ambulantes,

todas as crianças estão em casa. Os professores e motoristas. Fico pensando que uso de equipamentos de segurança individual, como máscaras, antes usados apenas por profissionais de saúde, são agora de uso obrigatório para todos e todas e todes. O mundo tem cheiro de morte e medo.

Talvez esse é o momento de coreografar os micro_movimentos, aqueles que não damos muita importância e não elevamos ao status de arte, ou dança. Então sugiro que a gente dance com as palavras e o medo. Você daí e eu daqui. Um passo de cada vez em direção a saída do caos. Quer dançar comigo? Na medida do improvável podemos fazer um feijão ou um bolo de laranja. Quem sabe nos falamos por chamada de vídeo para tomar uma cerveja e contar amenidades e de como os ponteiros de nossos relógios biológicos andam desalinhados, mas tudo isso precisa ser antes de 20h30, tenho um compromisso marcado todos os dias. Bato panela na janela. É, meu amor, o mundo não gira, ele capota. Em 2016 éramos nós contra os batedores de panelas e eles contra nós, os vândalos ocupadores de espaço público. Mas são tempos tremendamente esquisitos. Ficar em casa, em 2020, é um ato revolucionário. Ainda resistimos. Falo com minha mãe todos os dias, tenho estado muito preocupada com a saúde dela, mas ela insiste em dizer que está tudo bem, dia desses, ela fugiu para ir cortar o cabelo, fiquei muito brava, brigamos e eu me arrependi da aspereza das palavras que lancei no mundo.

Morro aos poucos. Aos poucos vou perdendo as forças, não só pelo medo que paralisa e dilata as pupilas, mas são os meus privilégios, são eles que me fazem também perder a certeza e a fé na vida. Morremos. Uma mistura alucinógena de sentimentos, pedaços mortos, utopias com cheiro de mofo, regados a som e fúria, mas esse texto não é sobre mim ou minhas mazelas, escrevo para te dizer e me lembrar que é preciso ter coragem para manter-se vivo ainda que com o peito aberto cravado de bala, é preciso manter-se vivo. A vida insiste em continuar, apesar de tudo e de tanto, vamos dançar?

amiga.

olha, as palavras aqui estão dando cambalhotas no silêncio... minhas pernas, bacia estão reviradas por dentro. o corpo todo a virar-se do avesso, é isso não é uma metáfora. é mesmo físico. cresço ao contrário. não sei exatamente o que isso significa, nem sei se quero saber, mas hoje, enquanto dançava com a voz da Elizeth Cardoso, o corpo passou grande parte do tempo, se dobrando em diferentes formas “para trás”. quer dizer, aproximando a cabeça do rabo não pela curva da coluna, mas pelo arco.

fazia tanto tempo que não me dançava assim. sem apego ao olhar do outro (mesmo que em imaginação), sem ganas de compartilhamento ou de fazer a dança servir a alguma coisa. dançar assim para nada. no máximo para morrer um pouco. estou precisando morrer — e agora sim é uma metáfora, embora a gente saiba que pro corpo “morrer” é uma realidade que se vive algumas vezes antes daquela desapareição que nos leva às cinzas ou ao fundo da terra.

cá estamos nós de novo no luto, de novo na morte... é barra. mas estou caminhando para essa “mim mesma” que vê seus fundos tomando forma na luz do dia. dói e brilha. digo “fundos” pensando que é ali, na quietude do corpo que a gente vai sendo, ali onde murmuram as nossas nuances, que os movimentos que insistem em nós não se esquecem. talvez um pouco como o DNA, que guarda coisas genéticas sobre nós que, mesmo mutantes, permanecemos...

tenho tido dois acessos para interpretar e viver o momento que estamos construindo. um deles é, digamos assim, espiritualista. quando reflito por aqui, me vejo até um bem fria. a boca se fecha sem apertos, a expressão do rosto repousa sem dobras, sem pequenas torções que que pudessem significar emoções de raiva, ou medo ou tristeza. imaginativamente me alinho ao arquétipo da morte no tarô, é o arcano 13, que em alguns tarô se chama o ceifador. eu gosto desse nome, acho ilustrativo de uma ação à que a morte convida. essa carta conta histórias de — lá está — rompimentos, despedidas, transformações, renascimentos... desapego e novidades. não é simples de viver sob o espectro do que o ceifador ensina. mas isso, me parece, tá tramado a certas experiências

sociais (religiosas e médicas) com a morte. essas relações que são comprometidas com uma séria de aprendizados cristãos e pensamentos separatistas, que tratam a vida como o oposto inconciliável com o morrer. evitar a morte me parece um jeito um bocado estúpido de se viver. fugir dela, tentar ludibriá-la tem algo de corajoso, mas pela experiência que tive com meu pai, em caso de doenças crônicas, pode ser muito sofrido. eu me pergunto, cada vez com mais lucidez, sobre como podemos viver sem medo de morrer. por que as vezes desconfio que muitos dos que chamamos de “vivos” estão por aí perambulando mais porque temem a morte do que por amarem a vida... de qualquer forma, encarar a finitude na lata é uma beleza de desafio que muitas vezes me enche de raiva e de incompreensão. mas hoje estou vendo alguma possibilidade... de irmos a ser explosivamente outros-os com a passagem deste vírus pela terra.

o outro acesso que falei, que tenho tido para viver e interpretar este acontecimento, me deixa mais perdida. ele traz a dimensão mais rotineira da situação... números, protocolos de ação, vozes de jornalistas, o embalo do medo, do susto, do desespero; atrocidades do governo federal, uma distância enorme entre o que eu suponho que deva ser feito e aquilo que vejo acontecer, abismos sociais, privilégios raciais... aqui me sinto correndo atrás de alguma coisa que não faço ideia do que seja, me sinto abatida, muitas vezes. tenho dores de cabeça e me pergunto como posso me trabalhar (sempre em dança, sempre em movimento) para agir também aqui. e o que este “agir aqui” quer dizer, principalmente neste momento em que aquele acolhimento entre nós e nas ruas que alimenta as lutas, está em suspensão. redimensionar a luta, porque as porradas não param. o governo federal tem torturado a população com pronunciamentos imbecis e instáveis; as medidas de proteção e segurança são pensadas sob um caldo esquisito de pretensões políticas e afã pelo controle... claro que existem coisas reais acontecendo, iniciativas e pessoas que cuidando verdade, que se preocupam com todo o coração. acredito que nós estamos aqui, percebendo nosso poder de ação. descobrindo a cada dia que a arte pode não “salvar” o mundo, mas é um jeito de conhecer e de se relacionar com a vida/morte fundamental para a sociedade que queremos. que seja para sermos mínimas! que seja para sermos constantes.

amiga, amiga, amiga. nós estamos vivas. viver plenamente, honestamente no pedacinho que eu possa a cada dia, tem se parecido cada vez mais uma maneira digna de endereçar e honrar a existência das pessoas assassinadas e massacradas por esse capitalismo que deseja a exploração e as desigualdades em níveis insustentáveis. o sonho da liberdade existe para ser realizado por nós todos os dias, e nos limites do nosso próprio corpo.

i lov u

obgda pela com vers ação sempre.

--

laaura

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 2020

Amor,

Ontem passei o dia olhando para o muro que criei assentando palavras, cavuquei por dentro e achei fragmentos lunares, ancestrais e uns pedaços de azulejos, reformei o meu quarto com isso, pintei as paredes de azul, aquele azul que descobrimos juntas.

Parece que é um bom momento para as mutações, apesar do chão contaminado. Eu tenho amores e horrores repentinos e ...sinto que as vezes é preciso fazer uma casa de lençol para se guardar lá dentro, criar as falsas ilusões de segurança nunca é frágil, pelo menos agora, em muitos momentos é o que faz você dormi em noites barulhentas.

Parece que segurança é sempre um jogo ilusório, mas é a negociação possível da emergência de sobreviver ao pavor, é um suposto alívio, como os fios das plumas que se assentam pós vendaval.

Parece também que as Sinapses mais profundas são imaginárias e o desejo é inventor de coragem.

E é ...

Na distância imprecisa, que não ignoramos a latitude, não ignoramos a topografia, os acidentes ósseos, não ignoramos as bacias semânticas, não ignoramos as cores e a nuance das cores...

Não ignoramos o ar abafado dentro das máscaras e as mãos suadas dentro da luva. Não ignoramos... Criamos fronteiras, toda fronteira me parece fictícia, mas os caminhos que criei pra chegar até aí, ainda não me fizeram sair de casa, então como desdomesticar a ficção?

Respiro fundo e todas as lembranças parece que estão nas minhas mãos, acho que é porque estou na casa que vivi por 26 anos.

Respiro fundo e...

Talvez a memória seja a faísca do esquecimento, é nesse trisco embrazado que inventamos brisas para assossegar nos corações ou o meu sangue inquieto...

Escutei Olamina esses dias, ela já está em 2024, em seus escritos ela fala para não deixar de fazer as suas anotações e que isso é bom para se concentrar em estar viva !

Me concentro...

Vejo os barcos que atracaram na areia, pois o aviso de inundações já era previsto.

Construímos um castelo de lençol na noite que tínhamos que dormi de branco, aquilo foi seguro! fabricamos distância, inventamos presença, isso também parece seguro... atracamos o corpo nas areias de nossas casas apesar do desejo de navegação. Fluindo ciberespacial até você para inventar coragem.

Um beijo

Isabela

Rio de Janeiro , Abril de 2020.

Oi ,

Escrevo pensando que quando for em 2050, a presidenta do país será uma travesti, e esse abril de 2020 nunca mais será esquecido.

Faço esse exercício pra tentar acreditar na era do por vir como uma imaginação possível de sobrevivência. Te falo de hoje que os dias se passam com ar rarefeito, os mares batem com mais força na costa, 15 vulcões entraram em erupção e já é possível ver o Himalaia da Índia, do meu quintal eu observo os pés de goiaba que não foram plantados mas já são 3 pés frutíferos, me espanto e penso nos pontos cegos que nos trouxeram até aqui, e que desejo cria raízes no impossível .

Das janelas olho o bairro que fui criada, olho para o amor que deixei passar pela rua da feira, saudade ...

Penso no seu nome e na força que ele entra pelos meus poros, respirar é difícil e o tempo da respiração pode ser bem mais lento que a troca nos alvéolos pulmonares. Da janela eu atravessei 300 cidades, gritei 2 vezes, chorei 400 km, deixei o sol queimar minha pele por 28 horas, passei uma ponte, uma serra perigosa só assim percebo que e as fronteiras são mais nítidas no corpo que na geografia e desconfio de que serve hoje a geografia?! Há muito tempo não escrevo, mas estou fazendo esse exercício pra você porque acredito no seu sonho de estar na cidade mineira e olhar o céu de outono, em cada fumaça que sopra de seus lábios, em cada ponto que vejo na mata fechada dos sonhos de junho. Não está me vendo agora, mas apoio minhas mãos no seu ombro enquanto observo você escrever em uma tela luminosa palavras de amor, agora que você continua sem me ver, fechamos as janelas e dançamos criptografias em ciberespaços.

Com amor,

Thais

6. Considerações Finais

,Eu morei nessa página por muito tempo, por um bom tempo. Escolho fazer luto e deixar fantasmas, rastros. Mover é sobre produzir espectros no espaço e no tempo. Vou escolhendo cada palavra que bordo sob a folha como fora um filho. Como uma mãe com medo de que ele vá para o mundo e sofra. Sofro de procrastinação e displicência, mas essa é a maneira que consigo, agora, me colocar no mundo. Considero finalizar voltando o olhar para um horizonte de esperança, apesar de todo caos.

Entender que é preciso ir, é mortal. É se jogar, uma vez mais ao desconhecido, é morrer um pouquinho para o espaço e morrer um tanto para si. Partir é uma escolha solitária, mas navegar é preciso e sobreviver é sobre a imprevisibilidade do gozo. São 01:11 da madrugada de uma terça-feira chuvosa, escrevo do sofá de minha mãe, quase sem forças. Por obrigação de números de páginas que roubam o prazer de produzir, escrevo. Escrevo para lembrar e para não esquecer, escrevo para barrar os apagamentos e para borrar certezas. Ainda há muito trabalho à ser feito, mas eu nasci para ser cigarra com pouquíssima inclinação para formiga. Penso em tantas palavras boas para pintar, mas esqueço. Elas desaparecem como a fumaça que eu respiro.

Manter-se vivo na cidade maravilhosa é diariamente contrariar as estatísticas e desobedecer a um *Estado* genocida racista misógino homofóbico machista patriarcal xenofóbico. É sentir o medo subir do asfalto e passar quente pela pele até chegar ao estômago em um enjoo rápido que faz gelar cada vértebra. Manter-se vivo para contar quantas vezes se morre por dia nessa cidade. Morro aos poucos. Aos poucos vou perdendo as forças, mas ainda respiro.

Os desafios que propus e que cruzaram meu corpo ao longo da feitura desse trabalho, estão inscritos nestas páginas e na minha carne. Reformular estratégias para intensificar e aprimorar propostas de descolizar o pensamento e o movimento dos corpos, produzir incertezas mediadas pela tela do computador foi sem dúvida a maior dificuldade que me esbarrei neste processo. 2020 é u momento de colapso global, este trabalho, sagitariano, é também sobre estratégias de sobrevivência a um sistema artístico em colapso.

Este trabalho é dedicado a todas e todos que não puderam, assim como eu, ter o privilégio de (sobre)viver no Rio de Janeiro. Talvez isso não tenha nenhuma relevância, mas para mim é importante dedicar cada linha ponto vírgula parágrafo, cada letra deste texto as meninas e meninos que morrem sem a oportunidade de chegar à universidade, que tem seus direitos ceifados antes mesmo de chegar ao ensino médio. É preciso ter coragem para manter-se vivo ainda que com o peito aberto cravado de bala, é preciso manter-se vivo. Rio de Janeiro, 2020, ainda respiro.

Esquecimento e desapareção. Não, eu ainda não acabei. Eu apenas parei por aqui.

ESCREVER PARA não ESQUECER.

Referências

ANDRÉ, Carminda. **Arte, Biopolítica e Resistência**. R.bras.est.pres., Porto Alegre, v.1, n.2, p. 426-442, jul./dez., 2011. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>.

BARROS, Manoel de. **Gramática expositiva do chão**. 1990. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

CALDAS, Paulo. **Creo|Grafias**. In Daça não é (só) coreografia? Organização: Instituto Festival e Dança de Joinville e Jussara Xavier – Joinville, 2017

CALFA, Maria Ignez de Souza. **Corpo**. In Convite ao pensar/ Manoel Antônio de Castro, Igor Fagundes, Antônio Ferraz e Renata Tavares (orgs.) Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014. p.47-48

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Vol. 4**. São Paulo: Editora 34.

DIAS, Isabella; BARBOSA Luiz Guilherme. **Escola-corredor: por uma poética da ocupação (a duas vozes)**. Revista Mesa, ISSN : 2319-0264, N° 5 Dezembro 2018.

FERVENZA, Hélio. **Formas da apresentação: experiência, autonomia, escritos de artistas**. In: Interloquções: estética, produto e crítica de arte / Luciano Vinhosa e Marta D'angelo (org.). – 1 ed. – Rio de Janeiro: Apicuri, 2012. 212p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lúcia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **O Corpo Utópico, As Heterotopias**. São Paulo, n- 1 Edições.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: Um novo paradigma Estético**. São Paulo Ed. 34, 1992 208p. (Coleção TRANS)

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica Cartografias do Desejo**. 4ª Ed. Vozes, Petrópolis, 1996.

GOMES, Paola Basso Mena Barreto **Devir- animal e educação**. Revista Educação e Realidade 27(2)59-66. Jul./dez. 2002.

HUCHET, Patrícia Franca. **O que na Arte nos qualifica?** In: Horizontes da arte, práticas artísticas em devir / Luciano Vinhosa (organizador). 1. ed. – Rio de Janeiro: Nau, 2010. 208p.

Harvey, David; Davis, Mike; Žižek, Slavoj; Ali, Tariq; Safatle, Vladimir Pinheiro. **Occupy** (Coleção Tinta Vermelha) (p. 108). Boitempo Editorial. 2012.

LARANGEIRA, Lidia Costa. **Coreografias e contracoreografias de levante: engajando dança, grafias e feminilidade**. 2019. 170 f. Tese (Doutorado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

LATOURE, Bruno. **Como Falar do Corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre ciência**. In: Objectos Impuros: Experiências em Estudos Sobre a Ciência / João Arriscado Nunes, Ricardo Roque (organizadores). Edições Afrontamento – Porto. 2008.

LEPECKI, André. **Exaurir a dança: Performance e a política do movimento**. Tradução Pablo Assumpção Barros Costa. – [1 ed.]. São Paulo: Annablume, 2017.

_____. **Coreopolítica e coreoploícia**. Ilha, Revista de Antropologia. UFSC, vl. 13, n. 1, p. 41-60, jan-jun. (2011) 2012.

MBEMBE, A. **A crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona. 2014

MOMBAÇA, Jota. **Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada**. Concinitas/ ano 17, vol. 01, número 28, Setembro de 2016. Disponível em: (<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25925/18566>)

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. 1ª ed. – Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2013.

NÚCLEO DE PESQUISA, ESTUDOS E ENCONTROS EM DANÇA. Disponível em: <http://nucleodeestudoseencontros.blogspot.com.br>. Acesso em: 05 dez.. 2020.

OITICICA, Hélio. **Encontros: Hélio Oiticica**. Organização: César Oiticica Filho, Ingrid Vieira. 1ª ed. 2009 Coleção Encontros Azougue Editorial.

PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PELBART, Piter Pál. **Tudo o que muda com os secundaristas**. Disponível em: <http://outraspalavras.net/brasil/pelbart-tudo-o-que-muda-com-os-secundaristas>. Acesso em: 30 nov. 2020

SALOMÃO, Waly. **Hélio Oiticica: qual é o parangolé?** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. 123 p., il. p&b. (Perfis do Rio, 8)

RANCIÈRE, Jacques. **O dissenso**. In: A crise da razão. Organizador: Adauto Novaes (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Tradução de Paulo Neves.